

Melquisedec

Numa Pompilio

Jesus de Nazaré

compilação de textos biográficos – 2005
Grupo Divinista Patriarca Jacó



Melquisedec

(Coletânea de textos, para conhecimento dos que querem pesquisar um pouco mais...)

- ☐ Gênesis 14:18 Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo;
- ☐ Salmos 110:4 O SENHOR Jeová jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec.
- ☐ Hebreus 5:6 como em outro lugar também diz: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec.
- ☐ Hebreus 5:10 tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec.
- ☐ Hebreus 6:20 onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec.
- ☐ Hebreus 7:1 Porque este Melquisedec, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,
- ☐ Hebreus 7:10 Porque aquele ainda não tinha sido gerado por seu pai, quando Melquisedec saiu ao encontro deste.
- ☐ Hebreus 7:11 Se, portanto, a perfeição houvera sido mediante o sacerdócio levítico (pois nele baseado o povo recebeu a lei), que necessidade haveria ainda de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec, e que não fosse contado segundo a ordem de Arão?
- ☐ Hebreus 7:15 E isto é ainda muito mais evidente, quando, à semelhança de Melquisedec, se levanta outro sacerdote,
- ☐ Hebreus 7:17 Porquanto se testifica: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec.

Rei de Salém, e sacerdote do Altíssimo Deus, que encontrou Abraão, quando este voltava da carnificina de Quedor-laomer: apresentou pão e vinho, abençoou aquele patriarca, e recebeu dele os dízimos (Gn 14.17 a 20). Num dos salmos messiânicos (Sl 110.4), Jesus é descrito como sacerdote para sempre 'segundo a ordem de Melquisedec'. Este ponto é tratado muito amplamente em Hb 5.6,7, onde a relação entre Melquisedec e Cristo, como tipo e antitipo, está nestas particularidades: cada um deles é sacerdote, (1) não segundo a ordem levítica - (2) tem superioridade sobre Abraão - (3) não se conhecendo o seu princípio e o seu fim - (4) e não só é sacerdote, mas também rei de paz e de justiça.

MELQUISEDEC é um ser ainda mais enigmático que o próprio Apolônio de Tiana, basta que se considere que no ritual de ordenação sacerdotal da Igreja Católica consta uma parte, que foi colhida nos ensinamentos de Apolônio, que diz: Tu és “SACERDOCE IN AETERNUM SECUNDUM ORDINEM MELCHISEDEC”, Tu és um sacerdote eterno, segundo a Ordem de Melquisedec.”

Existem muitos documentos que dizem haver sido JESUS um sacerdote da Ordem de Melquisedec. Então... Quem é MELQUISEDEC?

Os orientais falam muito do REI DO MUNDO, um ser enigmático e por eles considerado a mais alta forma de Consciência Divina na terra, vivendo num lugar oculto denominado Shambhala.

Dizem que esse ser, quando se manifesta por alguns segundos na terra, toda natureza pára. É como se o tempo parasse, nada se ouve, os animais se põem quietos e os passarinhos nem ao menos gorjeiam. Tudo silencia, não se escuta nem o murmúrio dos rios, nem o farfalhar das folhas, nem o rumor das ondas do mar... tudo é paz e silêncio.

Em tais momentos uma pessoa bem equilibrada sente algo bem especial, tem uma sensação como que se tudo houvesse parado e o mundo inteiro ficasse envolto num manto de quietude e de imensa paz. Até o vento se torna quieto, nenhuma folha cai, nenhuma pedra rola, nenhum regato murmura, nem ao menos se ouve o murmúrio das fontes. Tudo é paz... harmonia... silêncio. É silêncio, mas ao mesmo tempo se percebe uma vibração sonora permeando todas as coisas.

É o momento de GRANDE PAZ, aquele momento em que o REI DO MUNDO, o SUBLIME MELQUISEDEC abençoa a vida na Terra, revitalizando tudo. Em determinados momentos a natureza parece parar, o vento pára, todos os elementos da natureza silenciam, os animais aquietam-se, tudo se torna sereno, e os sensitivos e iniciados percebem isto claramente em determinados momentos não muito frequentes. Naquele momento os galos cantam.

Dizem os orientais, especialmente os da Índia e outros povos que vivem nos planaltos do Himalaia, que aquele é o momento em que o “Rei do Mundo” fala com Deus. Na verdade trata-se do momento em que Melquisedec, pelos orientais ligados a G. F. B. cujo nome de Sanat Kumara, ponto focal da manifestação divina no nosso Logos Planetário, pronuncia o Som Cósmico, o AUM, confirmando pelo Amem à Sua missão de mentor da Terra perante o Absoluto Deus. Com este som ele energiza todo o planeta expressando com perfeição a Parcela Divina de um Deus sem forma.

Em 1920 um polonês que trabalhava na Rússia, F. Ossendowski foi surpreendido pela revolução bolchevista e teve, então, que empreender uma fuga através da Sibéria, Mongólia, e Tibet. Sobre tudo aquilo que ocorreu durante a viagem ele escreveu um livro que se tornou um best seller mundial intitulado BESTAS, HOMENS E DEUSES. Um livro muito polêmico por envolver revelações inusitadas, coisas fora do comum no mundo ocidental que ele soube e testemunhou durante 18 meses de viagem por aquelas mais recônditas regiões do planeta. Como toda obra reveladora de conhecimentos incomuns, o autor foi muito criticado e posto em dúvidas, mas com o passar dos anos ninguém conseguiu provar que a história narrada, como um todo, seja apenas fantasia.

Descrevemos o que Ossendowsky conta naquela obra, entre muitas outras coisas interessantíssimas, quando ele estava atravessando a planície perto de Tangan Luc. ... "O guia da caravana, um homem simples, bruscamente disse: Pare! Desceu do camelo, havendo este, sem qualquer ordem, do guia se deitado. O mongol também se prostrou com as mãos sobre o rosto em sinal de prece e começou a repetir o mantra sagrado do Tibet": OM MANI PADME HUNG. Os outros mongóis também desceram de seus camelos e começaram a rezar.

“Que será que aconteceu, perguntava a mim mesmo, enquanto observava em minha volta o verde brilhante do capim que se estendia até o horizonte, onde um céu sem nuvens recebia os últimos raios do sol.

Os mongóis rezaram durante algum tempo, conversaram entre si, e depois de apertar os arreios de seus camelos, prosseguiram a viagem."

Então Ossendowsky indagou a respeito daquela parada e o guia respondeu: “Você notou como os camelos remexiam as orelhas de medo e como o rebanho de cavalos na planície ficou imóvel? Você viu que até os carneiros e o gado deitaram-se no chão? Você notou que as aves pararam de voar, as marmotas pararam de correr e os cães emudeceram? O ar vibrava suavemente e trazia, de longe, as notas de uma canção que penetrava no coração dos homens, dos animais e das aves. O céu e a terra não se movem, o vento não sopra e o sol pára sua trajetória; num momento como esse, o lobo, que está se aproximando sorratoriamente dos carneiros, não continua no seu propósito de rapina, o rebanho de antílopes apavorados pára sua fuga precipitada; a faca cai da mão do pastor que está para sacrificar a ovelha, e o voraz arminho deixa de perseguir a confiante perdiz salga. Todos os seres vivos ficam assustados e rezam, esperando que se cumpra seu destino. Foi o que aconteceu agora; e o que acontece toda vez que o Rei do Mundo, em seu palácio subterrâneo, reza procurando saber o destino dos povos da Terra”

Na Bíblia está escrito que Abrão foi abençoado por MELQUISEDEC numa fase de sua vida, por certo quando ele ainda não havia sido envolvido. Sabemos que na realidade Abrão recebeu a bênção do REI DO

MUNDO, numa época em que ele ainda não havia se comprometido, mas a descrição bíblica a respeito desse Grande Ser está mesclada propositamente com inverdades que visam desviar a pessoa do real sentido do REI DA ETERNA PAZ.

Este é um dos muitos pontos em que a Bíblia sofreu alterações profundas. Vejamos, inicialmente, aquilo que está escrito a respeito de Melki-Tsedeqi[1]

O Seu nome significa Rei da Paz, Rei da Justiça, **ESTÁ FEITO ASSIM À SEMELHANÇA DO FILHO DE DEUS E PERMANECE SACERDOTE PARA SEMPRE.**

Na Pistis Sophia dos Gnósticos Alexandrinos, Melquisedec é citado como **GRANDE RECEBEDOR DA LUZ ETERNA.** Ele recebe a Luz inteligível, por um raio emanado diretamente do Princípio para refletir o mundo, que é o seu domínio. É por isso que Ele também é chamado **FILHO DO SOL.**

Na epístola aos Hebreus, Paulo diz que Melquisedec é o Rei da Paz; que não tem pai nem mãe nem genealogia, que não tem começo nem fim de vida, sendo, portanto feito à semelhança do filho de Deus e permanece sacerdote para sempre.

Forças negativas adulteram as citações constantes na Epístola aos Hebreus, fazendo com que seja aceito que aquele que abençoou Abrão foi Melquisedec. Houve uma alteração flagrante do texto bíblico. Sendo Melquisedec Quem é, sacerdote do Deus Altíssimo, não corresponde àquele ser que, como tal, é citado na Bíblia. Sendo Ele a manifestação da Justiça Divina na Terra, não cabe na posição daquele que abençoou Abrão. São duas naturezas totalmente distintas e opostas, senão vejamos:

Paulo - Epístolas - 7:1 - Este Melquisedec, rei de Salém, sacerdote de Deus altíssimo, que saiu ao encontro de Abrão, quando ele voltava de destruir os reis, e o abençoou; 7:2, a ele deu Abrão o dízimo de todos os despojos. Disse Paulo: Quanto ao seu nome, primeiramente se interpreta como ‘rei de Justiça’, e depois ‘rei de Salém’, que quer dizer rei de paz; (aparecendo) sem pai nem mãe, sem genealogia, sem princípio de dias, sem fim de vida, tornado assim semelhante ao filho de Deus, permanecer sacerdote para sempre.

Agora compare-o com Gênes 14-18, 14-19 e 14-20 onde fala de Melquisedec e é dito haver ele recebido 10% de tudo aquilo que havia sido tomado dos povos vencidos, dos despojos de guerra tomado aos reis que haviam sido vencidos por Abrão. Então, onde o rei de justiça? -A parte que assinalamos em negrito mostra a natureza cósmica de Melquisedec e como podemos ver não combina absolutamente com a parte anterior.

Mais uma vez Abrão foi enganado quando pensou estar pagando o dízimo dos despojos de guerra a Melquisedec. Melquisedec é o “Grande Recebedor da Luz Eterna”, O “Representante da Justiça de Deus na Terra”, como então iria Ele receber dízimo, e ainda mais tratando-se de despojos de guerra, coisas espoliadas dos povos vencidos em guerras sangüinárias?...

Melquisedec, Rei de Salém... Ora, Salém quer dizer PAZ, então como é que um rei da paz recebe despojos de guerra?

Existem documentos secretos que afirmam haver Jesus participado de cerimônias de iniciação. Podemos afirmar que sim, e também que uma delas ocorreu junto à Ordem de Melquisedec. Por isso Jesus é um sacerdote da Ordem de Melquisedec.

A Ordem de Melquisedec é também conhecida pelo nome de **ORDEM DO SACERDÓCIO REAL**, ou **ORDEM DA JUSTIÇA DIVINA**, pois Melquisedec representa a Superior Justiça Divina na Terra, o máximo do “Reino da Eterna Paz”.

Melquisedec é um Ser que sempre esteve presente neste planeta em todos os ciclos de civilização, sendo, portanto a manifestação perene do próprio **PODER SUPERIOR** na Terra.

Segundo afirmam os orientais é Melquisedec quem exerce a função de governo oculto à Terra o Santo dos Santos de Shambhala. Como afirma Michel Coquet: Melquisedec - Sanat-Kumara - ocupa assim o mais elevado lugar sagrado de nosso planeta, onde se encontra a Tradição Primordial, o lugar onde o desígnio de Deus é conhecido...

Certa vez APOLÔNIO visitou o Reino de Agartha (Shambhala) quando esteve com o Rei do Mundo, MELQUISEDEC. Quando do regresso, Apolônio introduziu a Eucaristia no seio do Cristianismo. A Eucaristia era um rito praticado na Suprema Ordem de Melquisedec.

O Rei do Mundo é representado por dois atributos essenciais: PAZ e JUSTIÇA. Ele não tem genealogia, como diz a Bíblia, por não ser humano e sim Divino.

Diz René Guénon baseado no que pesquisou, e no que disse Saint Yves d'Alveydre num livro intitulado "Missão da Índia" e publicado pela primeira vez em 1910 na França: O nome Melquisedec, ou mais

exatamente Melki-Tsedeq, não é outra coisa do que o nome sob o qual a própria função do "Rei do Mundo" se encontra expressamente designada na tradição Judaico Cristã.

A tradição indiana, citada por René Guénon, em sua obra O Rei do Mundo, diz: "Ele é o Manu, esse homem vivo que é Melki-Tsedeq, é Manu que continua, com efeito, perpetuamente (em hebreu leôlam), isto é, por toda a duração do seu ciclo (Manvantara), ou do mundo que ele rege especialmente. É por isto que ele não tem genealogia, porque a sua origem é não humana, visto que ele próprio é o protótipo do homem. E realmente ele foi feito à semelhança do Filho de Deus visto que, pela Lei que formula, [é para esse mundo a expressão e a própria imagem do Verbo Divino](#)".

Ainda segundo as tradições da Mongólia, da Índia, do Tibet e de muitos outros povos orientais Melk-Tjedec (= Dharma-Râja) vive em uma "cidade" que é conhecida como o nome de Agartha, segundo muitos situada possivelmente no Himalaia.

Existe um número muito grande de lendas a respeito de "Shambhala" (Agartha), especialmente quanto à sua localização e natureza, assim como sobre o povo e o modo de vida do povo que habita, assim como citações de pessoas disseram haver estado lá. Entre muitas lendas existe uma que diz que certa vez um caçador se defrontou com um portal escondido numa floresta nas montanhas por onde penetrou e chegou ao reino de Agartha. Ao regressar ele começou a narrar o que havia visto, então os ламas arrancaram-lhe a língua para que ele não continuasse a falar sobre aquilo que houvera visto, para que não falasse dos "MISTÉRIOS DOS MISTÉRIOS".

Diz a TRADIÇÃO que "os seres integrantes de Agartha possuem todas as forças visíveis e invisíveis da terra, do inferno e do céu, e que tudo podem fazer pela vida e pela morte dos homens. Eles podem ressecar os mares, mudar os continentes em oceanos ou reduzir as montanhas e os mares em desertos. Eles podem fazer as árvores, as sebes e a grama brotarem, sabem transformar em moços fortes os homens velhos e fracos, e podem ressuscitar os mortos".

O Rei do Mundo conhece todas as forças da natureza, lê em todas as almas humanas no grande livro do destino e reina invisível.

Segundo tudo indica, o clássico romance de J. Hamilton, já transformado em filme, intitulado Shangrilá é uma obra inspirada em tudo aquilo que se diz de Agartha. A história do romance se baseia na existência de um lugar paradisíaco, um lugar de perene felicidade onde as pessoas nem sequer envelheciam, tal como se diz exatamente a respeito de Agartha. Shangrilá, um mito? Uma lenda?... um vale maravilhoso, encravado entre as altíssimas montanhas do Himalaia, um vale de clima ameno no seio de um mundo coberto de neves eternas onde reina uma eterna paz. Segundo um outro mito o Reino de Agartha situa-se num mundo subterrâneo que ocupa grande parte do planeta e que somente pessoas dignas podem chegar até ele, como aconteceu com APOLÔNIO e muitos outros.

O reino sagrado de Agartha seria dirigido por Melquisedec, mas há outras fontes que O colocam num nível ainda mais elevado, assim podemos dizer que uma pessoa só pode chegar até onde reina o Rei do Mundo sendo conduzido, é impossível encontrar por se mesmo o acesso, pois certamente não se trata de um local físico na Terra e sim de um plano divino a nível da Terra. Somente pela pureza, pela vibração precisa é que o acesso se torna possível, portanto somente os justos podem chegar até lá. Muitas vezes os pontífices de Lhasa e de Urga enviaram mensageiros ao Rei do Mundo, mas nunca conseguiram encontrá-lo.

O "chiang-chum Barão Ungern mandou o jovem príncipe Puntizig ao Rei do Mundo com uma mensagem, mas ele voltou apenas com uma carta do Dalai Lama. O barão então voltou a mandá-lo, mas o jovem príncipe nunca mais voltou".

Um dos Dalai Lama do Tibet e brâmanes da Índia em certa ocasião escalaram altas montanhas que nunca tinham sido pisadas pelos habitantes da região e encontraram inscrições gravadas nas rochas, mas tudo em vão para alcançar o mundo de Agartha e desvendar o misterioso enigma do Rei do Mundo. Podemos dizer que qualquer profano jamais chegou até lá. O próprio nome Agartha significa inatingível, inacessível, inviolável, morada da paz.

A história de Melk-Tsedeq sem dúvidas é um dos mais importantes enigmas da história da humanidade. Certa vez Ossendowsky perguntou a um Lama bibliotecário de um famoso mosteiro, se alguém já havia visto o Rei do Mundo. Ele respondeu que depois da instalação do Budismo no Oriente o Rei do Mundo já havia aparecido cinco vezes durante os festejos do Budismo antigo no Sião e na Índia. Eis o que disse o Lama: "Ele estava numa esplêndida carroça puxada por elefantes brancos, enfeitados de ouro, pedras preciosas e seda; usava uma capa branca e levava na cabeça uma tiara vermelha, da qual caíam franjas de diamantes que lhe cobriam o rosto. Abençoava o povo com uma maçã de ouro encimada de um cordeiro ii[3], então os cegos voltaram a ver, os surdos voltaram a ouvir, os doentes voltaram a andar e até mortos saíram de seus túmulos

O SACERDÓCIO DA PERFEIÇÃO, PROPÓSITO: Analisar as bases que fazem de Jesus um Sumo Sacerdote Perfeito.

(Apenas para efeito de conhecermos os argumentos que são usados para as qualidades de Jesus na IGREJA CATÓLICA)

INTRODUÇÃO:

O autor de “Hebreus” procura convencer os cristãos sobre três coisas básicas: Primeiro, o sacerdócio de Cristo destrói e destrona completamente a estrutura do sacerdócio judeu e o culto do. Já não é possível contemporizar o sistema antigo com o sistema do sacerdócio de Cristo. Segundo, Cristo, em seu sacerdócio, inaugurou um Novo Pacto entre Deus e Seu povo, fazendo do antigo pacto algo obsoleto, assim como suas formas rituais e sacerdotais. Terceiro, a pessoa e obra de Cristo são definitivas, e cancelam todas as outras opções. Por isso, tendo conhecido Cristo não se pode voltar atrás.

Nesta parte, o escritor faz uma proposição lógica e exegetica, destinada a romper totalmente qualquer dependência com o judaísmo, ou qualquer outro sistema. Esta proposta nos ajuda contra as tendências judaizantes e também contra o catolicismo ou qualquer outro sistema que queira substituir ou agregar à salvação ganha por nosso bendito e salvador Jesus Cristo.

O escritor faz seu raciocínio completamente judeu. Muitos de seus elementos têm afinidade com o helenismo judeu alexandrino, tal como está representado em Filon, mas outros são compatíveis com a hermenêutica rabínica de Jerusalém.

A. A ORDEM DE MELQUISEDEC (Hebreus 7:1-7)

Nos primeiros versículos há uma relação com Gênesis 14:18-20, para logo fazer sua interpretação deste misterioso personagem chamado Melquisedec.

O fundamento de seu sacerdócio (7:2-3)

Vê-se o significado de seu nome: 1) Rei de Justiça. 2) Rei de Salém. Isto é Rei da Paz. Aqui encontramos uma relação tipológica com Cristo. É uma lembrança de que a paz se segue à Justiça. No versículo encontramos que Melquisedec não seguia a ordem levítica como correspondia a todo sumo sacerdote; sem pai nem mãe não tem genealogia, não tem começo dos dias nem fim de vida. 3). Na mente de um judeu educado, era inconcebível que servisse como sacerdote alguém que não fosse filho de sacerdotes e de família levita. De fato, foi Moisés o escritor inspirado que qualificou Melquisedec como Sacerdote de Deus Altíssimo (Gênesis 14:18). Foi assim reconhecido, mesmo que lhe faltassem as credenciais legais. Não tinha uma ascendência oficial. Não havia registro da data de seu nascimento e de sua morte. Neste sentido, era feito à semelhança ao Filho de Deus que não tinha ascendência sacerdotal para ser reconhecido oficialmente.

O ponto principal é que Melquisedec permanece sacerdote para sempre (vs3) “Esta é a proposição fundamental” (Beacon). As idéias principais que o escrito deseja enfatizar são: (1) que se trata de uma ordem sacerdotal certamente não levítica. (2). É uma ordem superior. (3). É um sacerdócio que se caracteriza pela perpetuidade. Sowers entende “que Hebreus atribui ao ‘para sempre’ do Salmo 110:4 literalmente a Melquisedec o mesmo que a Cristo. Como diferença dos sacerdotes mortais, Melquisedec vive (7:8) ”.

B. A GRANDEZA DE SEU SACERDÓCIO (Hebreus 7:4-10) “Considera, pois, quão grande era este, a quem até Abraão, o patriarca, deu dízimos” (vs. 4). O propósito aqui é mostrar a superioridade da ordem sacerdotal de Melquisedec sobre o sacerdócio levítico. O sacerdócio dos descendentes de Levi é igualmente grande; mas o feito de Abrão ter dado o dízimo a Melquisedec era um reconhecimento de seu sacerdócio.

“Mas aquele cuja genealogia não é contada por entre eles, tomou de Abraão os dízimos e abençoou o que tinha as promessas” (vs. 6). Este argumento é decisivo porque, sem discussão alguma, o menor é abençoado pelo maior (vs. 7). Isto é evidente, pois é o pai que abençoa o seu filho. É o sacerdote que abençoa ao seu povo. Ao Abrão pagar seus dízimos, estava rendendo uma homenagem. Era um religioso. Ao receber a bênção de Melquisedec, estava aceitando a posição de beneficiário. Então, em ambos sentidos, acabava subordinado de Melquisedec. “Certamente, a ele era a quem Deus havia feito promessas de grandeza racial e utilidade mundial através de sua semente” (Beacon). Então se entende que essas promessas estavam

submetidas à bênção de Melquisedec. Veremos a profunda implicação que a carta está tirando, do princípio ao fim.

O contraste entre Levi e Melquisedec é grande. Os sacerdotes levitas são mortais; mas aquele antigo Melquisedec parece que vive (vs. 8). Segundo o Salmo 110:4. Se entende que o sacerdócio de Cristo pela ordem de Melquisedec é eterno. [O escritor dá grande importância para o fato de que a ordem sacerdotal de Melquisedec eclipsa (oculta) o sacerdócio levítico.]

C. A VELHA ORDEM DESTRONADA (Hebreus 7:11-22)

1. a importância da ordem levítica (Hebreus 7:11)

“Sim, pois, a perfeição foi pela ordem levítica” (vs. 11). Recordamos que o ponto principal é a perfeição que neste contexto se define como comunhão perfeita entre Deus e o adorador” (AMP. N. T.). Esta é uma delineação exata, desde o ponto de vista do Santíssimo, mas inclui também (como se vê no conceito do Novo Pacto) a santificação pessoal, única que pode prover uma base moral para essa comunhão. “Dá-se por certo que tal perfeição é necessariamente, em sua mesma natureza, meta e fim da religião. À medida que qualquer sistema (incluído o levítico) não alcança prover tal perfeição, é inadequado e temporal” (Beacon).

Os judeus acreditavam que seu acesso a Deus mediante o culto de seu templo representava o nível mais alto de suas possibilidades de perfeição. Se fosse assim, que necessidade haveria até de que se levantasse outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec (vs. 11). A resposta a esta pergunta é lógica. e é um certo golpe teológico no sistema judeu levítico. O sistema levítico teve sua oportunidade para demonstrar sua eficiência, mas não foi possível.

2. A lei mosaica foi anulada (Hebreus 7:12-19)

Ao mudar o sacerdócio, era necessário que mudasse a lei também (vs. 12). Detrás da ordem do sacerdócio levítico estava todo o sistema legal mosaico. Se Deus estava tornando obsoleta a ordem sacerdotal aarônica por uma nova ordem, também tornava obsoleto o sistema legal do qual se deriva sua autoridade. Isto é muito radical para os hebreus cristãos a quem se está escrevendo. Mas isto é ainda mais evidente se, à semelhança de Melquisedec, se levantasse um sacerdote diferente, não constituído conforme a lei meramente humana, mas segundo o poder de uma vida indestrutível. Pois se dá testemunho dele: “Tu és o sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”. Fica, pois, abrogado o mandamento anterior por causa de sua debilidade e ineficácia. Porque a lei não aperfeiçoou nada, se introduziu uma melhor esperança por onde nos acerquemos de Deus (vss. 15-19). O Salmo 110:4 acaba sendo uma bigorna indestrutível sobre a qual o sistema mosaico foi destruído.

A ênfase da interpretação deste capítulo não devia ser no homem, Melquisedec, como um personagem histórico misterioso, mas na ordem ou classe de sacerdócio que Ele representa. Se tratarmos de escrever 7:3 e 8, literalmente o homem, encontraremos dificuldades que não se solucionam; mas se os escrevemos quanto à ordem que o homem representa, não temos problemas sérios. Devemos lembrar que a única passagem que tira Melquisedec da obscuridade pela significação doutrinária é o Salmo 110:4 que diz: “Jurou Jehovah e não se arrependeu”. “Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec. Atribui-se essa significação somente por seu papel como tipo do sacerdócio de Cristo. A pessoa importante no Salmo 110:4 não é Melquisedec, mas “Tu” (Cristo), e a única ideia inevitavelmente comunicada é que o Messias haveria de servir como sacerdote e também como Rei, uma nova classe de sacerdote, destruindo e destronando a ordem aarônica, assim como uma nova classe de Rei (Beacon).

Esta é uma grande declaração para compreender porque Jesus Cristo é o novo Sumo Sacerdote, autor de um novo Pacto.

D. A INAUGURAÇÃO DE UM TESTAMENTO MELHOR (Hebreus 7:20-22)

O escritor de “Hebreus” continua tirando mais implicações de seu texto favorito (Salmo 110:4). Faltam-lhe dois pontos de sua exposição.

1. Jesus é feito fiador de um pacto melhor (v. 22). A importância deste feito é que os outros - certamente sem juramento - foram feitos sacerdotes (v. 21).

2. Quem faz o juramento? “Jurou o Senhor e não se arrependeu: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec” (v. 21). É Deus que toma o mesmo juramento, prometendo estabelecer o sacerdócio individual do Filho para sempre. Semelhante obrigação nunca foi assumida no caso de Aarão. Por esse tipo de juramento, Jesus se converte no fiador de Deus de este novo Pacto, e melhor Pacto.

a. Um poder perfeito para salvar (7:23-25). A diferença entre o novo sacerdócio de Cristo e o antigo não só reside no fazer o juramento, mas também no feito confirmado pelos feitos da história. Os outros sacerdotes chegaram a ser muitos devido a não poderem continuar depois da morte (vs. 24). Mas este (Cristo), por quanto permanece para sempre, tem um sacerdócio imutável (vss. 24, 60). Se Cristo vive para sempre, seu sacerdócio não termina. Não haverá outro sacerdote que lhe suceda. Ele é o último. Pelo qual pode salvar perpetuamente aos que por Ele se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder por eles (vs. 25). Porque vive sempre, pode salvar sempre a cada pecador em cada geração, e em toda situação de necessidade em qualquer lugar. Seus recursos são inesgotáveis. O poder para salvar está Nele mesmo; porque vive, o poder sempre está ali.

“Cristo nos assegura não só a liberação da sentença de morte que merecemos por nossos pecados, mas também da depravação de nossa natureza” (Beacon). As palavras “salvar perpetuamente” mostram o grau desta liberação. Vemo-lo com muita dedicação porque mostram claramente que “a salvação perfeita da condenação implica perfeita salvação de todo pecado”. “Todo pecado no coração do crente é prova de uma salvação imperfeita, e o defeito deve estar no salvador ou no crente” (Beacon).

Devido à natureza de seu caráter pessoal, “não tem necessidades, a cada dia, como aqueles sumos sacerdotes, de oferecer primeiro sacrifícios por seus próprios pecados, e depois pelos do povo” (vs. 27).

A lei constituía como sacerdotes simples homens débeis (vs. 28). A palavra “débil” se refere à condição dos sacerdotes humanos que tinham que oferecer um sacrifício por seus pecados.

O autor de Hebreus nos levou passo a passo, até avançar ao coração da obra e ministério de Cristo por nós. Suas unidades de pensamento parecem cadeias que se entrelaçam.

Até aqui nos demos conta de que Cristo é superior aos anjos. Como Filho, é superior a Moisés, como Sumo Sacerdote é superior a Aarão e a Abraão. Agora se vê que essa superioridade deu início à inauguração de um novo Pacto, e superior ao antigo.

MELQUISEDEC

Melquisedec é o mais estranho e misterioso personagem da Bíblia. Citado em livros do Velho e do Novo Testamento, só lhe é atribuída uma aparição:

"Este Melquisedec, rei de Salém, sacerdote de Deus Altíssimo, saiu ao encontro de Abraão que regressava da derrota dos reis, e o abençoou. Foi a ele que Abraão ofereceu o dízimo de todos os seus despojos; ele, conforme indica seu nome, primeiro foi 'rei da justiça' e depois rei de Salém, isto é, 'rei de paz'. Sem pai, sem mãe, sem genealogia, seus dias não têm começo, sua vida não tem fim. Assemelhando-se assim ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre" (Hb 7, 1-3).

Essa aparição também é confirmada no Livro do Gênese, quando o mesmo se pronuncia:

"Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho e como sacerdote do Deus altíssimo, abençoou Abraão dizendo: 'bendito seja Abrão pelo Deus altíssimo, que entregou os inimigos em tuas mãos' (Gn 14, 18-20)".

Essas passagens dão margem para conclusões interessantes: O personagem Melquisedec é imortal — "seus dias não têm começo, sua vida não tem fim"— e também não é humano — "sem genealogia"— mas semelhante a Cristo em algum aspecto — "Assemelhando-se ao Filho de Deus"— embora não seja Jesus Cristo, como muitos acreditam, pois semelhante não quer dizer igual. Também é dito que Melquisedec é um sacerdote e sempre o será — "Permanece sacerdote para sempre".

Na Bíblia existem duas ordens de sacerdócio: A de Levi e a de Melquisedec. A de Levi se originou no seio da tribo dos Levitas, uma das doze tribos de Israel. Seus sacerdotes se sucediam por ordem de descendência. Já o sacerdócio de Melquisedec tinha seus sumos sacerdotes nomeados pelo próprio Deus, e foram dois: Melquisedec e Jesus Cristo.

"E assim não foi Cristo que exaltou a si mesmo, fazendo-se Sumo Sacerdote, mas aquele que lhe disse": Tu és meu Filho, eu hoje te gerei. Como diz ainda em outro lugar: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec". (Hb 5, 5-6)

Fica claro também, que o sacerdócio de Melquisedec é superior ao de Levi, pois até mesmo o patriarca Abraão de quem toda a Israel descendeu, entregou dízimos a Melquisedec.

Sobre a questão do dízimo, é interessante observar que essa palavra em tempos antigos não possuía a conotação que tem hoje. No Velho Testamento, por exemplo, tem dois significados: Como ESPÓRTULA (ou OFERENDA) feita a Deus envolvendo altar e cesto, num ritual bastante específico, ou como HERANÇA da terra prometida, entregue a uma parte da tribo de Levi, por esta não ter herdado a terra propriamente dita. Como mencionamos antes, a nação Israelita era dividida em doze tribos, o que denota uma certa falta de coesão. Uma dessas tribos, os Levitas, ficaram encarregados do exercício do sacerdócio, administrando um direcionamento religioso monoteísta para Israel. Como uma parte dos Levitas era formada por sacerdotes, estes não puderam herdar o bem material, TERRA, pois isso entraria em contradição com sua missão religiosa:

"IAHWEH (Deus) disse a Aarão: 'Não terá parte alguma na terra deles e nenhuma parte haverá para ti no meio deles. Eu sou a tua parte e a tua herança no meio dos filhos de Israel'(Nm 18:20).

Na prática, então, cada tribo Israelita destinava dez por cento do que produziam aos Levitas. Isso era convertido em construção e manutenção de templos e na subsistência e vestimenta dos sacerdotes. Hoje, a palavra dízimo tem conotação de PAGAMENTO ou DONATIVO, o que não corresponde ao que os levitas recebiam naquela época. O que lhes era entregue, fazia parte da herança a que tinham direito como filhos de Israel.

Mas será que Melquisedec foi um personagem importante somente na tradição Judaico-Cristã?

A resposta é não. Esse misterioso e intrigante personagem está presente em textos sagrados de diferentes tradições religiosas. Seu mito surge em escritos antigos da Mongólia, da Índia, do Tibet e de outros países da Ásia. Os Muçulmanos também o citam. O nome surge com variações como Melquisedek-Sanat-Kumara, Melk-Tjedec, Righden Jyepo e outros. Em todas essas tradições, o personagem é acompanhado de lendas bastante parecidas, sendo descrito como Rei e Líder Espiritual, monarca de uma nação escondida na Ásia, muitas vezes chamada de Shambala, Shambalah, ou Aghartha. Essas tradições, também o descrevem como detentor dos destinos da humanidade. Como vemos, existem muitas similaridades entre Melquisedec, O Padre João, e o Rei do Mundo.

O Papa Alexandre III estudou as similaridades entre o Padre João e o Melquisedec Bíblico. Também teria investigado supostas aparições de Righden Jyepo no território Asiático, e, acreditando na imortalidade de Melquisedec, pensou poder ser agraciado por sua poderosa presença, ou quem sabe... Sua bênção!

A Ordem de Melquisedec é citada até hoje na cerimônia de sagração dos Papas.

(((((*****))))))

QUEM É MELQUISEDEC, SEGUNDO A ORDEM ROSACRUZ?

O SUMO SACERDOTE DO DEUS ALTÍSSIMO, nosso venerável e Grande mestre MELQUISEDEC, é reconhecido por diversos países e povos a que chegou com a CRUZ e a ROSA viventes. São muitas as tradições milenares que o reconhecem como o portador do PÃO e do VINHO, emergido vitorioso das ÁGUAS DA VIDA.

Todo o mistério de MELQUISEDEC está relacionado com a origem e a queda do homem no EDEN, e, justamente em seu intenso trabalho de lograr o retorno dos ANTIGOS LEMURES ao seio da DIVINA MÃE, organizou o GRANDE MESTRE a primeira ORDEM ROSA CRUZ. Foi lá, entre os habitantes da LEMÚRIA, caídos no terrível vício da fornicação, materialismo e egocentrismo, que surgiu pela primeira vez no GRANDE DIA CÓSMICO aquela antiquíssima escola de mistérios: A ORDEM ROSA CRUZ.

O GRANDE MESTRE nos distantes tempos ensinou publicamente o estreito sendeiro que conduz a VIDA, ensinou os VALORES do AMOR, da MORTE, da VIDA, o DESPERTAR e FAZER A VONTADE DO PAI, de IAO. Foi ele quem ensinou todo o mistério PROFUNDO DO "MAIOR DOS DEUSES", de IAO, e foi então conhecido como JANO, o DEUS de duas caras que em seu cinto tem a chave dos céus.

JANO foi quem pela primeira vez na obscura história da humanidade, que se perde nas brumas da LEMÚRIA, instituiu o santo sacrifício da Eucaristia, a divisão do PÃO e do VINHO: o PÃO, símbolo da vida regenerada na SEMENTE; e o VINHO, símbolo do conhecimento crístico e realizado pela TRANSMUTAÇÃO.

MELQUISEDEC, o supremo grão MESTRE da ORDEM ROSA CRUZ, se constituiu também no PRIMEIRO AVATAR DE VISHNU e foi conhecido em todo o globo como SERPENTE DIVINA sobre cujas SETE CABEÇAS flamejam como chamas ígneas as VOCAIS SAGRADAS, contidas em OANNES.

OANNES é o HOMEM PEIXE, o SEMI DEUS, o PRIMEIRO AVATAR DE VISHNU, que sai do mar, do augusto abismo das águas. O HARI-PURANA, e muitos outros livros sagrados da INDIA, afirmam claramente que VISHNU tomou a forma de PEIXE com cabeça humana, com o propósito de resgatar os VEDAS perdidos no dilúvio. E, foi ele, OANNES, AVATAR DE VISHNU QUEM logrou que o INICIADO VISVAMITRA e sua família construíssem a ARCA ou ARGHA, que lhes permitiu sobreviver ao cataclismo. OANNES permaneceu junto aos sobreviventes até que eles alcançassem a CRISTIFICAÇÃO.

OANNES se manteve na forma de PEIXE com cabeça humana e durante todo o tempo e a cada dia, ao pôr do Sol, submergia ao fundo das águas até a aurora seguinte.

Esta alegoria de AVATAR DE VISHNU, OANNES, é observada no TEMPLO DO DEUS RAMA, na figura de homem que sai da boca de um peixe com os VEDAS na mão, depois de havê-lo recuperado das águas do dilúvio.

Esta mesma versão se encontra nos antigos manuscritos CALDEUS, exatamente na pátria de UR, onde OANNES foi conhecido como DAGON. [DAGON, ou OANNES, é o mesmo KNEPH do antigo Egito, o que descansa sobre a serpente de sete cabeças].

Nos mistérios egípcios, isso que é o ABSOLUTO está simbolicamente expresso em belos baixos relevos de sublime arte, que mostram uma SERPENTE enroscada em volta de uma vasilha, sobre cujas águas se inclina a cabeça coroada pelas sete letras sagradas e em atitude clara de fecundá-las com o seu alento.

A sabedoria oculta, a sabedoria da ROSA CRUZ, é a sabedoria da Serpente, é a SERPENTE SAGRADA DE KUNDALINI, que ativa os sete chakras, CRISTIFICA os sete corpos, e isto sabem todos os INICIADOS E MESTRES do GRANDE LAGO chamado TITIKAKA.

OANNES, como AVATARA de VISHNU, o CRISTO CÓSMICO, surge majestoso das águas cristalinas do lago, na majestosa forma da serpente de sete cabeças, sobre a qual, em letras ígneas, flamejam as letras sagradas do Nome Oculto, as que se manifestam em A, E, I, O, U, M, S, o VERBO REALIZADO OM.

OANNES é conhecido pelos habitantes da terra do fogo como KONTICI WIRACocha.

Uma grande jóia conhecida como o amuleto da SERPENTE CHUNUPIS, mostra a OANNES na forma de serpente e com a cabeça coroada com as SETES VOCAIS do LOGOS REALIZADO.

OANNES, o VERBO REALIZADO como BODHISATWA do GRANDE SER, de MELQUISEDEC, é referido também no GÊNESIS.

OANNES floresceu com todo o esplendor da sabedoria do pai lá na antiga caldeia, onde teve muitos discípulos que se elevaram às inefáveis regiões do NIRVANA e outros que mantiveram seus corpos cristificados, plenos de vida, até que assimilaram o elixir da IMORTALIDADE.

OANNES e seu real SER, O GRANDE MELQUISEDEC, conferiram também a SUBLIME INICIAÇÃO ao Patriarca ABRAÃO.

Depois de uma batalha cruel em que Abraão saiu vitorioso; cheio de sublime adoração, prostrou-se ante MELQUISEDEC, que lhe comunicou o indizível e secreto ARCANO SOLAR, também o ensinou a DIVISÃO DO PÃO E DO VINHO, tal qual se encontra transcrito no livro do Gênesis.

O Grande PATRIARCA ABRAÃO recebeu a INICIAÇÃO lá nas distantes terras de UR, na Caldeia, e foi o GRANDE SER, o SACERDOTE DO DEUS ALTÍSSIMO, MELQUISEDEC, que junto ao Venerável SANAT KUMARA, recebeu em seus AUGUSTOS TEMPLOS a ABRAÃO.

Abraão é um sacerdote Rosa Cruz. OANNEES, bodhisattwa do senhor MELQUISEDEC, continuou sua larga obra através do tempo organizando e reorganizando a ORDEM DE MELQUISEDEC. JESUS, O FILHO DO CARPINTEIRO, teve também a imensa honra de ingressar na ORDEM DE MELQUISEDEC em tempos passados e logrou assimilar todo o fogo e luz da CRUZ e da ROSA, convertendo se ele mesmo em um ROSA CRUZ VIVENTE.

JESUS, O CRISTO, é um dos mais exaltados MESTRES DA ROSA CRUZ, conforme a ORDEM DE MELQUISEDEC.

MELQUISEDEC é um habitante do ABSOLUTO e que em distantes MAHA AVANTARS ou dias cósmicos, renunciou à inconcebível felicidade e por isso é SACERDOTE DO DEUS ALTÍSSIMO.

JESUS, O CRISTO, é também o HABITANTE DO ABSOLUTO e, igual a MELQUISEDEC, teve coragem de renunciar à felicidade indescritível no seio do absoluto para permanecer trabalhando em benefício do formigueiro humano. MELQUISEDEC, JESUS CRISTUS, são as maravilhosas ROSAS que florescem plenos de FOGO e LUZ na imanifesta CRUZ DO ABSOLUTO.

MELQUISEDEC é o Augusto REGENTE PLANETÁRIO do nosso planeta TERRA e seu templo se encontra no centro ígneo da terra, onde oficia os augustos rituais do amanhecer da vida.

MELQUISEDEC e sua ORDEM assistem conscientemente a esses Santos Rituais que se realizam nos PLANOS SUPERIORES da consciência cósmica.

Pelo exposto, fica esclarecida a origem da ORDEM dos ROSACRUZES, que são os excelsos membros da Augusta ORDEM DE MELQUISEDEC.

Muitos foram os que pensaram e defenderam, à custa de seus nervos, a hipotética e peregrina idéia de que a ORDEM ROSACRUZ teve a sua origem entre os Egípcios. A todos esses investigadores faltou a LUZ DA CONSCIENCIA para poder "VER" entre as trevas de sua ignorância.

A ROSA CRUZ, a ORDEM ROSA CRUZ, é a mesma ORDEM DE MELQUISEDEC que surgiu no amanhecer da vida, há milhões de SÉCULOS atrás, em MAHAVANTARAS anteriores, em dias cósmicos passados.

Foi precisamente o Sapiientíssimo Sacerdote Do Deus Altíssimo MELQUISEDEC quem estabeleceu a Ordem De Melquisedec, A Ordem Rosa Cruz, lá na distante Lemúria.

Foi OANNES, seu bodhisattwa, quem continuou com a gigantesca missão de continuar a OBRA DO PAI em todos os continentes da submergida LEMÚRIA e logo em todos os continentes da também submergida ATLÂNTIDA.

Muitos INICIADOS E MESTRES da ROSA E DA CRUZ colaboraram e colaboram nessa suprema e grande missão, acendendo constantemente a LUZ da ROSA CRUZ em todo tempo e lugar.

REFERÊNCIAS BÍBLICAS

Na epístola dirigida por Paulo aos HEBREUS, encontramos os seguintes versículos que se referem a MELQUISEDEC, o DIVINO GRÃO SACERDOTE.

"Este é Melquisedec, rei de Salém, sacerdote do Deus altíssimo que saiu ao encontro de Abraão, quando este voltava vitorioso da batalha contra os reis, e o abençoou; a ele deu Abraão o dízimo que cujo o nome significa primeiramente "rei de justiça e também rei de Salém, isto é, "rei de paz", sem pai, sem mãe, sem genealogia, que não teve nem começo nem fim de vida, tornado assim semelhante ao filho de Deus, permanece Melquisedec sacerdote para sempre. vejam como este era grande, a quem Abraão, o patriarca, lhe deu o dízimo das melhores coisas (Hebreus,7, 1 ao 4)

Mais adiante diz: "E isto ainda é mais manifesto, se se levanta outro sacerdote à semelhança de Melquisedec, o qual não foi feito segundo a lei do mandamento carnal, mas segundo a virtude de uma vida indissolúvel. Pois se dá testemunho: "Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem do de Melquisedec." (Hb,7; 15-17)

Muitos foram os sublimes Sacerdotes consagrados conforme a ORDEM DE MEQUISEDEC com JURAMENTO DO PRÓPRIO MELQUISEDEC, de quem se diz: ". . . jure ao Senhor e não se arrependerás: Tu será sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec". Os sacerdotes judeus não eram reis e sacerdotes, e os Reis não foram Sacerdotes. MELQUISEDEC o REI de SALÉM (Salém era uma cidade Pagã), era seu SACERDOTE, e não sacerdote judeu; mas ELE, o Sacerdote do Deus Altíssimo, plena e totalmente alheio a religião judia dos patriarcas, foi quem levou PÃO E VINHO.

ABRAÃO recebeu o ato da Transmutação, como também a Palavra Sagrada de IAO, na entrega dos dízimos. O Sacerdote Pagão, Sacerdote e Rei da cidade pagã de Salém, sendo MAIOR que ABRAÃO, abençoou a este, cumprindo-se assim a escritura: "Deve o maior abençoar o menor". O Patriarca Abraão aprendeu do Sacerdote do Deus Altíssimo, de MELQUISEDEC, a sabedoria divina e esotérica que transmitiu ao seu povo. Naturalmente que toda esta sabedoria se encontra transcrita nos livros da bíblia; mas, lamentavelmente para os judeus e "cristãos", como também para os demais "crentes", toda a Sabedoria esotérica de Melquisedec se encontra em chave e a chave só possuem os INICIADOS nos MISTÉRIOS do FOGO e da LUZ, conforme a ORDEM DE MELQUISEDEC. Os dízimos que Abraão deu ao SACERDOTE E REI, são simbólicos, pois neles se esconde o nome sagrado.

10 = IO

1+ 2+ 3+ 4 = IO

1+ 2+ 3+ 4 = 10 = IO

O 10 compreende a essência de todas as coisas, o todo. Tudo se estende a unidade, ao UNO

O ALFA e OMEGA é o A. 1, A, 0, 1. A. 0. = I. A. O.

IAO, podemos dizer que A literalmente constitui o alento da vida colocado entre o I, que é o princípio masculino ereto, e a forma oval do O, que é o princípio feminino. Este é o ARCANO SOLAR, o ARCANO REAL ensinado por MELQUISEDEC.

Toda ciência e sabedoria bíblicas se sintetizam na mística década, no I.A.O., no Grande Arcano Real ensinado pelo Sacerdote do Deus Altíssimo, o Venerável MELQUISEDEC, para a constituição dos FILHOS DO SOL, do CHRISTUS SOLAR, para formar assim com homens e mulheres CRISTIFICADOS, A CIDADE SOLAR, composta por homens e mulheres SOLARES que viveram os ensinamentos do CRISTO, sintetizados nos valores da CRISTIFICAÇÃO.

(((((((((((((((((((((((((((((((((*))))))))))))))))))))))))))

18 Melquisedec, rei-sacerdote de Salém, isto é, Jerusalém. Salém significa paz (xalom); Jerusalém (Yeruxaláyim) significa "fundação de paz"; era a capital dos Jebuseus que David conquistou.

"Trouxe pão e vinho." Após a expedição de Abraão contra os quatro reis orientais que tinham saqueado a zona do Mar Morto, a Pentápole, Abraão e os seus homens armados tinham chegado vitoriosos (v. 16), mas exaustos. O rei de Jerusalém, reconhecido pelo perigo que Abraão afastara das suas vizinhanças, veio ao seu encontro com abastecimentos de pão e vinho para restabelecer as forças das tropas cansadas. Abraão, agradecido por tal atitude, decide recompensar Melquisedec com o dízimo de todos os despojos que trazia da expedição guerreira. A tradição patrística e a Liturgia, viram na oferta de pão e vinho uma figura do Sacrifício Eucarístico; no Cânone Romano pede-se a Deus que aceite o Sacrifício da Missa como aceitou o sacrifício de Melquisedec. Mas podemos perguntar: esta oferta foi um verdadeiro sacrifício, ou um simples auxílio às tropas cansadas? Se é certo que o verbo hebraico, "trouxe", não pertence ao vocabulário sacrificial, também é certo que Melquisedec era sacerdote e foi nesta condição que trouxe pão e vinho, sendo coerente que tivesse sido oferecido antes em sacrifício, talvez em ação de graças da vitória obtida. Pelo Salmo 109 (110) e por Hbr 7, sabemos que Melquisedec é uma figura de Cristo. Também Jesus, o "anti-tipo" de Melquisedec, alimenta os seus soldados cansados na batalha contra os inimigos do Reino, com o pão e o vinho oferecido em sacrifício e que é o "seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade". Por isso a Igreja lhe reza: "da robur, fer auxilium"(dá-nos força, traz-nos auxílio).

AS TRADIÇÕES SOBRE MELQUISEDEC NOS MANUSCRITOS DE QUMRÂN

As referências à figura de Melquisedec nos manuscritos de Qumran são tão escassas como são na Bíblia hebréia. Melquisedec aparece, claro, no *Gênesis Apócrifo* da Cova 1 (1QapGen xxii 12-18), uma composição araméica que reescreve o relato de Gen 14. A origem desta composição é incerta, mas não há nenhum elemento que permita atribuir-lhe uma origem qumrânica¹. As únicas precisões que o texto arameu aporta com relação ao texto bíblico são a identificação de "Salém" com Jerusalém e a do "Vale do Rei" com Beth ha-Kerem, assim como a especificação de que é Abraão quem paga o dízimo a Melquisedec². Provavelmente o nome de Melquisedec aparece duas vezes numa composição cuja origem qumrânica me parece certa, os *Cânticos do Sacrifício do Sábado*³, mesmo que em ambos casos a forma do nome se encontre incompleta e apareça em contextos tão fragmentários que impedem qualquer identificação certa.

Nesta composição, Melquisedec (como no Salmo 110) é apresentado como um anjo; é também possível que ele seja o único anjo mencionado pelo nome em toda a composição. Em todo caso, Melquisedec (se a leitura é certa) é apresentado nos *Cânticos do Sacrifício do Sábado* como um sacerdote: "[Melqui]sedec, sacerdote na assembléia de Deus" na reconstrução de Newson de 4Q401 11,3⁴, e "os chefes dos príncipes dos sacerdócios maravi[lhosos de Melqu[isedec]" na nossa reconstrução de 11Q17 ii 7⁵. Devido aos azares de conservação, o nome de Melquisedec não se conservou em uma série de manuscritos nos quais esperaríamos sua presença, já que tratam de seu antagonista, seu oponente angélico, Melki-resha' (4Q'Amram, 4Q280 e 4Q286)⁶; mas possuímos um texto da Cova 11 (11Q13) em que Melquisedec é a figura central⁷. Que este texto é um produto da comunidade de Qumran me parece certo⁸. Podemos, pois, empregá-lo com confiança como representativo da compreensão das tradições sobre Melquisedec na comunidade de Qumran e como exemplo da interpretação da Bíblia praticada nesta comunidade.

O texto é conhecido desde 1965, quando A.S. van der Woude publicou uma edição preliminar⁹, e tem sido tão intensivamente estudado desde então, que é praticamente impossível dizer algo novo sobre ele¹⁰. Este artigo apresentará unicamente dois aspectos do texto que ainda não têm sido suficientemente ressaltados e que, na minha opinião, aportam novos elementos ao complexo problema das esperanças messiânicas da comunidade de Qumrán:

1) a ampliação do conceito de uma figura **redentora** no período escatológico dentro do Judaísmo pré-cristão com objetivo de incluir como agente de salvação uma figura não-humana que podemos designar como "messias";

2) a identificação do caráter **messiânico** da figura do "mensageiro" anunciado pelo Profeta Isaías.

Mas antes de apresentar estes dois pontos é imprescindível descrever, mesmo que sumariamente, o conteúdo do 11Q13.

Deste manuscrito, que pode ser datado de aproximadamente meados do século I a.C.¹¹ e que tem um caráter claramente exegético, foram recuperados 16 fragmentos, agrupados em 11 na edição oficial de DJD 23. A maioria destes fragmentos foram colocados em duas colunas consecutivas (cols. ii e iii). O texto da col. ii descreve os feitos que ocorreram "no final dos tempos"¹². Já que de acordo com a compreensão desta frase nos escritos da comunidade (que a emprega para designar a fase final da história em que a comunidade está vivendo) ela pode referir-se a feitos sucedidos no passado, no presente ou no futuro pela perspectiva do autor, este se achava obrigado a precisar que os sucessos de que trata sucederão exatamente "na primeira semana do jubileu que se segue ao jubileu nono", (ii 7) ou, como diz a continuação, "no final do jubileu décimo", o último jubileu da história humana no sistema empregado pelo autor e que equivale à última das setenta semanas de outros sistemas. Estes feitos são descritos por meio de um *peshar* temático sobre a salvação final¹³. Em sua primeira parte, o *peshar* está baseado em Lev 25 (sobre o ano jubilar), Deut 15 (sobre o ano da remissão) e os Sal 7 e 82 (que anunciam o juízo divino). Em sua segunda parte, o *peshar* cita e explica Is 52 (que proclama a liberação dos cativos). Todos estes textos bíblicos são interpretados e aplicados aos feitos que sucederão no final dos tempos, centrando a atenção nos atos de redenção que livrarão os filhos da luz do domínio de Belial e dos espíritos de sua legião e dos quais o protagonista é Melquisedec. Mesmo que o nome empregado seja o de Melquisedec, nem Gen 14 nem o Sal 110 são citados explicitamente nas partes conservadas do documento¹⁴.

1. Melquisedec como "messias" celeste

Todos os textos bíblicos citados na primeira parte do manuscrito são interpretados como referindo-se a Melquisedec, apresentado como uma figura claramente celeste, um dos Myhw1)15. Falando dele, nosso texto emprega várias expressões, como "a herança de Melquisedec" (ii 5) o "o ano da graça de Melquisedec" (ii 9), que na Bíblia hebréia são aplicadas a Deus mesmo16, e outras, como "os homens da legião de Melquisedec" (ii 8) que nos outros escritos qumrânicos são aplicadas igualmente a Deus17. À vista do estatuto excelso como figura celeste que nosso texto confere a Melquisedec, não é estranho que alguns tenham compreendido o protagonista de 11QMelch como representando uma hipóstase divina18, ou incluso como uma simples designação da divindade, um nome a mais de seus nomes divinos, "Rei de Justiça"19.

Mesmo que estas especulações sejam interessantes e se apoiem em certos elementos presentes no texto mesmo, não parecem poderem se manter ante a clara afirmação de ii 13: "E Melquisedec executará a vingança dos juízos de De[us]", que afirma uma distinção clara entre Melquisedec e Deus; elas ficam igualmente desautorizadas pelo claro paralelismo que o texto estabelece entre a figura de Melquisedec e a de seu oponente celeste Belial, assim como pela oposição entre os exércitos angélicos de ambos protagonistas, uma oposição que se acha enraizada na visão dualista do mundo tal e como é expressa no 'tratado dos dois espíritos' da Regra da Comunidade (1QS iii-iv).

Se Melquisedec em 11QMelch não é nem Deus nem uma hipóstase divina, é certamente um personagem celeste e excelso. O texto lhe atribui o domínio sobre os exércitos celestes; ele é o chefe de todos os anjos (os Myl) e de todos os filhos de Deus. Ademais, ele é quem conduz a batalha contra Belial e os espíritos de sua falange, e quem executa a vingança divina contra eles. Melquisedec é descrito com os mesmo traços com que a Regra da Comunidade e o Documento de Damasco descrevem o "Príncipe da Luz"20, e como um duplo do Arcângelo Miguel, tal e qual é descrito na Regra da Guerra21. Esta multiplicidade de designações de uma mesma figura não tem nada de surpreendente num contexto qumrânico, posto que a composição conhecida como Visões de 'Amram22 afirma explicitamente que os dois chefes dos exércitos celestes têm três nomes23, e um dos nomes de quem "domina sobre todas as coisas" é o de Melquiresha'24, antônimo perfeito de Melquisedec25.

Mesmo que descrito como personagem claramente celeste, Melquisedec não é designado "anjo" nos fragmentos conservados26. As origens terrestres do personagem não foram esquecidas completamente e as qualidades primordiais do Melquisedec do Gen 14 (a realeza) e do Sal 110 (o sacerdócio) tem sido conservadas e transferidas ao personagem celeste27.

A realeza de Melquisedec está implícita em seu domínio sobre os outros seres celestes e sobre os feitos da luz, mas aparece com maior claridade em suas funções judiciais. 11QMelch aplica-lhe diretamente as primeiras palavras do Sal 82: "como está escrito sobre ele nos Cânticos de David: Elohim se [al]çará na assem[bléia de Deus], no meio dos deuses julgará" (ii 9-10). A continuação do Salmo é aplicada a Belial e a seu séquito angélico: "E o que di[sse: Até quando] julgareis injustamente e guardareis consideração aos malvados? Selah Sua interpretação concerne a Belial e aos espíritos de sua falange" (ii 11-12). 11QMelch conserva portanto o marco celeste da cena judicial do Salmo e nele é Melquisedec quem julga os oponentes angélicos que favoreceram a injustiça entre os homens. Mas no nosso texto, Melquisedec é também quem julgará a todos os filhos das trevas, posto que a ele se aplicam igualmente as palavras do Sal 7: "E sobre ele disse: Sobre ela retorna às alturas, Deus julgará aos povos" (ii 10-11). nosso texto não só atribui a Melquisedec a função judicial que no texto bíblico era atribuída a Deus, mas também lhe recomenda igualmente a execução da sentença: é ele quem levará a cabo a vingança divina (ii 13).

Apesar de que nosso texto não diz explicitamente que é Melquisedec quem realiza a expiação "em favor dos filhos de [a luz e dos] homens da legião de Mel[qui]sedec" (ii 8) pois o verbo é empregado na forma infinitiva (rpkl), a interpretação mais provável da passagem é que é ele quem é apresentado como o Sumo Sacerdote que efetua os ritos de expiação no *Yom hakippurim* escatológico28. Não só por causa de podermos perceber no Velho Testamento sobre a concepção de Melquisedec como sacerdote, e porque esta imagem sacerdotal de Melquisedec está atestada nos Cânticos do Sacrifício Sabático, mas porque uma das cópias do Apócrifo de Levi(4Q541 9 i 2)29 emprega a mesma expressão ao descrever as funções do equivalente terrestre do Sumo Sacerdote celeste, o "messias" de Aarão, e porque 4Q266 10 i 12-1330, que permite completar o texto fragmentário de CD xiv 19, contém exatamente a mesma idéia e emprega o mesmo verbo31.

Mais importante ainda que a função real e sacerdotal é a descrição da função salvadora de Melquisedec. 11QMelch apresenta o protagonista como o agente de a salvação em um período escatológico. É ele o salvador "dos homens de sua falange", e sua ação inaugura o ano de graça e o dia da paz eterna. Nosso texto

aplica-lhe as referências bíblicas do ano jubilar e do ano da remissão, ou é quem resgata os cativos e libera os homens de suas iniquidades e do domínio de Belial.

Este conjunto de funções (juízo final, expiação pelos homens de seu aprisco, destruição dos exércitos de Belial na batalha escatológica, restauração da paz eterna, salvação dos eleitos) é precisamente o conjunto de funções coberto pelo conceito "cristão" de "messias". Como assinala incisivamente Kobelski:

Apesar de não haver relação entre Melquisedec do 11QMelch e o Melquisedec de Hebreus 7, pode ser estabelecida, além das atribuições deles de caráter celestial, muitos pontos de comparação entre a figura de Melquisedec da 11QMelch e Jesus em Hebreus³².

As semelhanças que Kobelski registra são muitas e variadas, e concernem tanto às pessoas como às atividades destas duas figuras redentoras, mas podem reduzir-se facilmente à idéia cristã do "messias". 11QMelch nos descreve um personagem celeste ao qual atribui-se o mesmo conjunto de funções que o Novo Testamento atribui ao Messias³³. "Meu raciocínio é muito simples: as funções básicas que 11QMelch atribui a Melquisedec são funções messiânicas; podemos pois designar o protagonista a quem estas funções são atribuídas como "messias". Apesar de que o texto não emprega a palavra "ungido", e posto que este protagonista é apresentado como uma figura "celeste", podemos, pois, caracterizá-lo como um "messias celeste".

A idéia de um "messias celeste" nos é familiar pelo Novo Testamento, mas parece estranha num contexto bíblico. Na Bíblia hebréia a idéia do "messias" tem uma dimensão puramente humana e se acha indissolúvelmente unido à unção com óleo, algo que dificilmente pode realizar-se com os seres celestes (os anjos, por exemplo, não são nunca objeto da unção). O caráter puramente humano do "ungido" esperado (ou dos "ungidos", quando se espera a vinda de mais de um "messias", como é o caso em Qumran)³⁴ é acentuado pela ênfase dada na origem davídica do "messias-rei" e na união com o culto sacrificial do Templo de Jerusalém do "messias-sacerdote". É certo que em dois escritos judeus de datação problemática (as Parábolas de Enoch³⁵ e o Quarto Livro de Esdras³⁶) encontramos, como no novo Testamento, uma figura messiânica que é mais celeste que humana, mas que certamente recebe o título de "messias". As Parábolas de Enoch empregam duas vezes o título de "messias" (junto aos títulos mais usuais de "eleito", "justo", ou "filho do homem") ao falar de uma figura que é apresentada como pré-existente, transcendente e de origem celeste³⁷. De maneira semelhante, o personagem descrito "como um homem" no cap. 13 é apresentado como pré-existente, transcendente e de origem celeste no Quarto Livro de Esdras, é igualmente designado como "messias" nos caps. 7 e 12³⁸. Estes dois escritos, pois, nos atestam a mesma ampliação do campo semântico da palavra "messias" que encontramos dentro do novo Testamento: ambos empregam esse título para designar uma figura de caráter celeste com a qual associam imagens tradicionalmente associadas à divindade. Mas, já que a data da composição das Parábolas de Enoch é muito discutida³⁹ e a do Quarto Livro de Esdras é geralmente situada posteriormente à destruição de Jerusalém por Tito em 70 d.C.⁴⁰, seria impossível excluir a influência do Novo Testamento no emprego da palavra "messias" que ambos escritos trazem para designar um personagem de origem celeste.

Se minha maneira de compreender 11QMelch é aceitável, este texto nos proporciona a prova de que no judaísmo pré-cristão já havia se desenvolvido a idéia de um agente celeste da salvação escatológica. **Em Qumran, junto ao "messias-rei" descendente de David e ao "messias-sacerdote" descendente de Aarão, se esperava também ao final dos tempos a ação salvadora de um "messias-celeste"**. Que a ampliação da idéia de "messias" para que pudesse incluir uma figura celeste se faça atestada de uma vez primeira no caso de Melquisedec, isso não parece accidental. O Melquisedec de Gen 14 era Rei e sacerdote, e enquanto tal, sujeito perfeito da "unção". Foi colocado que o Sal 110 apresenta-o como um sacerdote celeste no contexto do juízo divino, seria fácil o desenvolver suas funções para que incluíssem as funções tradicionalmente atribuídas ao "messias": aportar a salvação escatológica, destruir os exércitos de Belial, realizar o juízo final e introduzir a era de paz eterna para os eleitos.

2. o "mensageiro" como "messias"

O texto bíblico citado na segunda parte de 11QMelch (ii 15-16) é Is 52,7: "[Que] belos são sobre os montes os pé[s] do mensagei[ro que a]nuncia a paz, do men[sageiro de bem que anuncia a salvaç]ão, [di]zendo a Sión: tu Deus [reina.]". Este texto não é aplicado a Melquisedec, pois está acompanhado da interpretação seguinte:

Sua interpretação: "As montanhas" [são] os profeta[s], eles são [...] para todos [...] e "o mensageiro" [é] o ungido do espíri[to], como disse Da[niel a propósito dele: Até um ungido, um príncipe, setenta semanas. e

"o mensageiro de] bem que anun[cia a salvação"] é aquele de quem está escrito que ['...] para conso[lar a]os [aflitos'. Sua interpretação:] Para [i]nstruí-los em todos os períodos do mun[do] em verdade (ii 17-21)[41](#).

O resto dos materiais conservados é demasiado fragmentado para poder ser utilizado, embora muito provavelmente conserve restos da interpretação dada, tanto de "Sión" como de "teu Deus"[42](#).

Esta segunda parte de 11QMelch nos proporciona um perfeito exemplo do tipo de exegese praticada nos *pesharim*[43](#), nos que o significado do texto bíblico é aplicado a "os últimos tempos"[44](#). A metáfora de Isaías é clara. O Profeta fala de uma só pessoa, o "mensageiro", um mensageiro que anuncia a paz e que é também chamado "mensageiro do bem", cujos pés marcham sobre os montes. Mas, como é normal na exegese atomística dos *pesharim*, os distintos elementos da metáfora bíblica são devidamente separados e providenciadas, a cada um deles, sua própria interpretação, confirmada ou não, segundo o caso, com um texto bíblico em apoio. No *peshar* de 11QMech, cada um destes elementos concerne a um personagem diferente, introduzido pelo pronome correspondente: as montanhas são ... e o mensageiro é ... e o mensageiro do bem é...

A precisão acrescentada a propósito do "mensageiro do bem" como explicação da aplicação que é feita em Is 61,2-3, é como dizer que é ele quem os instruirá em todos os períodos do mundo, permite uma identificação relativamente fácil do personagem em questão com a figura esperada para o final dos tempos que os manuscritos designam como "o que ensinará a Torah no final dos tempos"[45](#), o Mestre da Justiça escatológico[46](#). Definitivamente, a função mais característica do Mestre da Justiça (tanto da figura histórica como da figura esperada no futuro escatológico) é a de instruir aos membros da comunidade no significado profundo da Torah e dos Profetas. O *Peshar* de Habacuc diz dele expressamente que Deus o pôs no meio da comunidade "para interpretar todas as palavras de seus servos os Profetas, por cujo meio anunciou Deus tudo o que vai passar o seu povo, Israel"[47](#); graças à revelação que o Mestre recebeu, a comunidade é consciente de estar vivendo no "último período" da história.

A identificação "das montanhas" com os Profetas bíblicos também não apresenta maiores problemas, apesar de que a conexão exegética tenha se perdido na lacuna do texto. Em minha opinião, a interpretação do texto se situa na mesma perspectiva que 1QpHab vii 1-5 oferece a propósito de Hab 2,1-2: "E disse Deus a Habacuc que escrevesse o que aconteceria à última geração, mas o final do período não deu a conhecer. E o que disse: 'Para que corra o que o lê'. Sua interpretação se refere ao Mestre da Justiça, a quem se deu a conhecer todos os mistérios das palavras de seus servos os Profetas". Para a comunidade, as palavras dos Profetas (e da Torah) contêm um duplo sentido: uma significação acessível a todos e outra misteriosa, que só a comunidade conhece graças à revelação que o Mestre recebeu[48](#). Se o "mensageiro do Bem" é quem instrui sobre os períodos do mundo, "as montanhas" sobre as quais marcha dificilmente podem ser outra coisa que os livros dos Profetas nos quais o mistério dos períodos do mundo se acha oculto.

Mais problemática (e discutida) é a identificação do "mensageiro" que em nosso texto é definido como "o ungido do espírito" (xwrh xy#\$m, ii 18). Para Milik, se trataria do Mestre de Justiça histórico, o fundador do grupo de Qunram; mas Milik funde em uma só as referências aos dois "mensageiros" e supõe que 11QMelch teria sido composto quando ele estava ainda vivo. Fitzmyer, que foi o primeiro a propor a reconstrução do texto de Daniel adotada em DJD 23, considera a possibilidade de que este "ungido" pudesse referir-se ao messias-real (ao que alude Daniel) ou ao messias-sacerdotal, se é que o "mensageiro" devesse identificar-se com Melquisedec[50](#). Não creio que nenhuma destas possibilidades sejam convincentes, e que a interpretação do primeiro editor, que vê nesta figura uma referência ao profeta escatológico esperado em 1QS e 4Q175 é a mais convincente[51](#). O eco de Is 61,1[52](#) em nosso texto é indubitável, e obriga praticamente a compreender a figura em questão como uma figura profética[53](#). Aparentemente o caráter de "mensageiro" do esperado profeta escatológico não é um obstáculo para poder designá-lo como "ungido".

Se não me equivoco completamente na forma de compreender o texto, o sentido geral da segunda parte de 11QMelch é semelhante à interpretação de Am 5,26-27 que encontramos em CD vii 13-viii 1[54](#). Nesta passagem, que identifica expressamente "o Kiyun das imagens" com os livros dos Profetas (vii 17), se anuncia a vinda de duas figuras messiânicas: o *Intérprete da Torah* (vii 18) e o *Príncipe de toda a congregação* (vii 20). De maneira semelhante, nosso texto interpreta Is 52,7 aplicando "as montanhas" aos profetas e anunciando a vinda de dois "mensageiros", duas figuras messiânicas cuja vinda se espera ao final dos tempos: o Mestre e o Profeta escatológicos. O que é peculiar a nosso texto, e o que o faz especialmente interessante, é que 11QMelch qualifica expressamente a uma destas duas figuras (o Profeta escatológico) como "ungido", ou seja, como "messias".

Se esta forma de compreender os restos fragmentários da segunda parte de 11QMech é correta e se aceita a identificação deste "ungido do espírito" com o Profeta escatológico esperado ao final dos tempos, podemos extrair algumas conclusões interessantes.

11QMelch nos proporcionaria a prova de que o Profeta, cuja vinda se espera junto com a do Messias de Aharão e do Messias de Israel em 1QS ix 11, era considerado como uma figura "messiânica", um "profeta messiânico", apesar de que não é qualificado como "ungido" no texto em questão que limita o emprego deste termo aos "ungidos de Aarão e de Israel".

11QMelch nos proporcionaria a chave para precisar o tipo de "messias" a que se refere 4Q521⁵⁵, pois se trata de um "ungido" a quem também são aplicadas as palavras de Is 61,1.

Esta interpretação da segunda parte de 11QMelch nos permitiria resolver uma objeção básica à interpretação que fizemos da parte do texto: a ausência do emprego do termo "messias" ao falar de Melquisedec, impediria considerá-lo como um "messias celeste". O fato de que esta segunda parte qualifique como "messias" a uma figura que em outros textos qumrânicos não é qualificada como tal, nos mostraria que o emprego ou não do título "messias" não é o único critério para determinar o caráter messiânico ou não de uma função.

SUMMARY This note deals with two topics reflected in the Qumranic text 11QMelchizedek (11Q13) which shed a certain light on two aspects of the messianic beliefs of the Qumran community: the widening in pre-Christian Judaism of the concept of the redeemer of the eschatological time to include a non-human agent of salvation who may be called "messiah", as in Christianity; and the indication of the "messianic" character of the expected eschatological Prophet, announced as a "messenger" by Isaiah and identified as "the anointed of the spirit" in 11QMelch.

NOTES ¹ N. AVIGAD – Y. YADIN, *A Genesis Apocryphon. A Scroll from the Wilderness of Judaea* (Jerusalem 1958). Para un sumario de a discusión sobre o orixinal de a composición, ver G. ARANDA PÉREZ – F. GARCÍA MARTÍNEZ – M. PÉREZ FERNÁNDEZ, *Literatura judía intertestamentaria* (Introducción al estudio de a Biblia 9; Estella 1996) 128-131. ² Ver J.A. FITZMYER, *The Genesis Apocryphon of Qumran Cave I. A Commentary* (BibOr 18A; Roma 1971) 172-178. ³ Los manuscritos de a Cova 4 (4Q400-407) e a copia hallada en Masada (MasShir) han sido publicados por C. NEWSOM, "Shirot (olat hashabbat)", Eshel et al., *Qumran Cave 4. VI. Poetical and Liturgical Texts, Part 1* E. (DJD 11; Oxford 1998) 173-401, pl. XVI-XXXI; o manuscrito de a Cova 11 (11Q17) ha aparecido en F. GARCÍA MARTÍNEZ – E.J. TIGCHELAAR – A.S. VAN DER WOUDE, *Qumran Cave 11. II. 11Q2-18, 11Q20-31* (DJD 23; Oxford 1998) 259-304, pl. XXX-XXXIV, LIII. em a edição preliminar de los manuscritos de a Cova 4, Newsom consideraba o orixinal qumrânico de a composición como más probable (ver C. NEWSOM, *Songs of the Sabbath Sacrifice. A Critical Edition* [HSS 37; Atlanta 1985] 2), mas posteriormente ha cambiado de opinión e considera que a composición tiene un orixinal extra-qumrânico (ver C. NEWSOM, "Sectually Explicit" Literature from Qumran", *The Hebrew Bible and Its Interpreters* [ed. W.E. PROPP – B. HALPERN – D.N. FREEDMANN] [Biblical and Judaic Studies 1; Winona Lake 1990] 167-187). Yo creo haber probado que o orixinal qumrânico de a obra pode considerarse como seguro; ver ARANDA PÉREZ – GARCÍA MARTÍNEZ – PÉREZ FERNÁNDEZ, *Literatura judía intertestamentaria*, 205-210. ⁴ DJD 11, 205: l) t] d(b Nhwk qdc[yklm] ⁵ DJD 23, 269: qdc y]klm] l)p twnwhk y]y#n y#r] ⁶ Ediciones preliminares de 4Q^a Amram e 4Q280 em J.T. MILIK, "4Q Visions de 'Amram et une citation d'Origène", *RB* 79 (1972) 77-79; ID., "Milk[+s]edeq et Milk[+res'a] (*dans les anciens écrits juifs et chrétiens*)", *JJS* 23 (1972) 97-144; É. PUECH, *a croyance des Esséniens en a vie future: immortalité, résurrection, vie éternelle?* Histoire d'une croyance dans le Judaïsme ancien (EB 22; Paris 1993), II, 531-544, e em F. GARCÍA MARTÍNEZ – E.J.C. TIGCHELAAR, *The Dead Sea Scrolls. Study Edition. Vol. II. 4Q274-11Q31* (Leiden 1998) 636-637 (4Q280), 644-653 (4Q286-290), 1084-1095 (4Q543-548). ⁷ DJD 23, 221-241, pl. XXVII. ⁸ Los paralelos con o método exegético empleado en otros textos qumrânicos, o empleo del término técnico *peshar*, a menção de "los fillos de a luz", e a atribución de "lotes" tanto a Belial como a Melquisedec, no dejan duda alguna al respecto. Ver ARANDA PÉREZ – GARCÍA MARTÍNEZ – PÉREZ FERNÁNDEZ, *a literatura judía intertestamentaria*, 84-85. ⁹ A.S. VAN DER WOUDE, "Melchizedek als himmlische Erlösergestalt in den neugefundenen eschatologischen Midraschim aus Qumran Höhle XI", *OTS* 14 (1965) 354-373. ¹⁰ Ver F. MANZI, "La figura di Melchizedek: Saggio di bibliografia aggiornata", *Ephemerides Liturgicae* 109 (1995) 331-349. Los más importantes trabajos, en ordem cronológico, son: M. DE JONGE – A.S. VAN DER WOUDE, "11Q Melchizedek and the New Testament", *NTS* 12 (1966) 301-326; J.A. FITZMYER, "Further Light on Melchizedek from Qumran Cave 11", publicado originalmente em *JBL* 86 (1967) 25-41 e reimpresso em *Essays on the Semitic Background of the New Testament* (SBibSt 5; Atlanta 1974) 245-267; J. CARMIGNAC, "Le Document de Qumran sur Melchizedek", *RevQ* 7 (1969-1970) 343-378; J.T. MILIK, "Milk[+s]edeq et Milk[+res'a]", 95-112; F.L. HORTON, *The Melchizedek Tradition. A Critical Examination of the Sources to the Fifth Century A.D. and in the Epistle to the Hebrews* (SNTSMS 30; Cambridge 1976); P.J. KOBELSKI, *Melchizedek and Melchires'at* (CBQMS 10; Washington 1981); C. GIANOTTO, *Melchizedek e a sua tipologia*. Tradizioni giudaiche, cristiane e gnostiche (sec. II a.C. – sec. III d.C.) (Brescia 1984); É. PUECH, "Notes sur le manuscrit de XIQMelchizedek", *RevQ* 12 (1987) 483-581; PUECH, *a croyance des Esséniens*, 546-561; F. MANZI, *Melchizedek e l'angelologia nell'Epistola agli Ebrei e a Qumran* (AnBib 136; Roma 1997); J. ZIMMERMANN, *Messianische Texte aus Qumran* (WUNT 104; Tübingen 1998) 389-417. ¹¹ a escritura se parece mucho a a designada como "late Hasmonean or early Herodian book hand" em a terminología de Cross (F. M. CROSS, "The Development of the Jewish Scripts", *The Bible and the Ancient Near East*. Essays in honor of William Foxwell Albright [ed. G.E. WRIGHT] [New York 1961] 160-264), lo que apuntaría hacia a segunda mitad del siglo I a.C. como fecha de a elaboración de a copia; pero, como señala Milik, un cierto número de elementos em las formas de las letras poseen características más arcaicas que apuntarían hacia a primera mitad del siglo I a.C. ¹² Mymh tyrx] como dice em ii 4. Sobre o significado de a frase em los escritos de Qumrán, ver A. STEUDEL, "Mymh tyrx] in the Texts from Qumran", *RevQ* 16 (1993) 225-246, e J.J. COLLINS, "The Expectation of the End in the Dead Sea Scrolls", *Eschatology, Messianism, and the Dead Sea Scrolls* (ed. C.A. EVANS – P.W. FLINT) (Studies in the Dead Sea Scrolls and Related Literature 1; Grand Rapids 1997) 74-90. ¹³ Sobre esta forma peculiar de interpretar o texto bíblico, ver F. GARCÍA MARTÍNEZ, "El Peshar: Interpretación profética de a Escritura", *Salmanticensis* 28 (1979) 125-139. a literatura sobre o *peshar* é muito ampla. Los estudios más significativos se hallan indicados em F. GARCÍA MARTÍNEZ, "Interpretación de a Biblia em Qumrán", *Fortunatae* 9 (1997) 261-286. ¹⁴ A. ASCHIM, "Melchizedek the Liberator: An Early Interpretation of Genesis 14?", *SBL 1996 Seminar Papers. One Hundred Thirty-second Annual Meeting November 21-28, 1996*. New Orleans Marriott. New Orleans, Louisiana (SBL SP 35; Atlanta 1996) 243-258, intenta probar que 11QMelch contiene amplios ecos de Gen 14 e que a figura de Melquisedec em 11QMelch é o resultado de uma exégesis creativa de este texto bíblico. ¹⁵ Sobre o empleo de *Elohim* como uma de las designaciones de los ángeles em los *Cánticos del Sacrificio Sabático*, ver NEWSOM, *Songs of the Sabbath Sacrifice*, 24; sobre otras designaciones angélicas em Qumrán, ver M.J. DAVIDSON, *Angels at Qumran. A comparative study of 1 Enoch 1-36, 72-108 and sectarian writings from Qumran* (JSPE.S 11; Sheffield 1992). ¹⁶ a primera em 2 Sam 14,16; 20,19; 21,3 por exemplo. a segunda em Is 61,2. ¹⁷ "los hombres del lote de Dios" em 1QS ii 2. ¹⁸ Así Milik, apoyándose em su interpretación de Sal 110,4 ("selon mon ordre, [celui] de Milki-sedeq") e em a identificação de Deus e su ángel em toda uma serie de pasajes bíblicos, concluye: "Milki-sedeq est par conséquent quelque chose de plus qu'un ange créé, ou même le chef des bons esprits, identifiable à Michaël (comme le souligne à juste titre les éditeurs hollandais). Il est en réalité une hypostase de Dieu, autrement dit le Dieu transcendant lorsqu'il agit dans le monde. Dieu lui-même sous a forme visible où il apparaît aux hommes, et non pas un ange créé distinct de Dieu (Ex 23,20)", "Milk[+s]edeq et Milk[+res'a]", 125. ¹⁹ Así Manzi, que distingue tres clases de figuras designadas como Melquisedec em los textos qumrânicos: uma figura humana (em 1QapGen), uma angélica de carácter real (em 4Q^a Amram) e sacerdotal (em 4QShirShab) e Deus mismo, designado con o título de 'Rey de Justicia' em 11QMelch: "É indubbio, ad esempio, che 1QapGen xxii 13-17 ripresenti in maniera storica il personaggio veterotestamentario. Ma non se può escludere che da 4Q^a Amram^b e dai *Cantici* emerga a fede in un mediatore angelico 'storicamente' esistente ed attivo nelle vicende degli uomini. [...] È chiaro, però, che il Malk[+s]edeq angelico così delineato assume a figura simbolica di mediatore salvifico, in grado di esprimere l'intervento sensibile di JHWH *ad extra*, salvaguardando l'assoluta trascendenza. Un intento simile soggiace probabilmente anche a 11QMelch, in cui se parla di JHWH senza nominare il tetragramma sacro, ma ricorrendo al titolo di 'Re de Giustizia', *Melchizedek e l'angelologia*, 101-102. ²⁰ 1QS iii 20; CD v 18. ²¹ 1QM xvii 6-7. ²² Para uma edição preliminar de los distintos manuscritos de esta composición ver GARCÍA MARTÍNEZ – TIGCHELAAR, *The Dead Sea Scrolls. II*, 1084-1095. ²³ 4Q544 3,2. ²⁴ 4Q544 2,3-5. ²⁵ Sobre los posibles motivos de a elección de uno u otro de los distintos nombres, ver PUECH, *a croyance des Esséniens*, 548-50. ²⁶ A pesar de a tentación del fácil juego de

palabras entre *Malak* e *Melek*.²⁷ Aunque los substantivos abstractos *twklm* (realiza) o *twnhk* (sacerdocio) no aparecen en o texto conservado.²⁸ KOBELSKI, *Melchizedek and Melchires'at*, 64-71; PUECH, *a croyance des Esséniens*, 551-553.²⁹ É. PUECH, "Fragments d'un apocryphe de Lévi et le personnage eschatologique: 4QTestLévi^{c-d}(?) et 4QAJa", *The Madrid Qumran Congress*. Proceedings of the International Congress on the Dead Sea Scrolls. Madrid 18-21 March, 1991 (ed. J. TREBOLLE BARRERA – L. VEGAS MONTANER) (STDJ 11; Leiden – Madrid 1992), II, 449-501.³⁰ J.M. BAUMGARTEN, *Qumran Cave 4. XIII. The Damascus Document (4Q266-273)* (DJD 18; Oxford 1996) 72, pl. XII.³¹ Ver J.M. BAUMGARTEN, "Messianic Forgiveness of Sin in CD 14:19 (4Q266 10 1 12-13)", *The Provo International Conference on the Dead Sea Scrolls* (ed. D.W. PARRY – E. ULRICH) (STDJ 30; Leiden 1999) 537-544.³² KOBELSKI, *Melchizedek and Melchires'at*, 128.³³ D. FLUSSER, "Melchizedek and the *são of Man*", reeditado em *Judaism and the Origins of Christianity* (Jerusalem 1988) 186, expresa uma ideia semelhante quando afirma: "According to the fragment, it would appear that at least some members of the Sect believed that the priestly Messiah of the Latter Days would be Melchizedek". P. SACCHI, "Esquisse du développement du Messianisme Juif à la lumière du Texte Qumranien 11 Q Melch", *ZAW* 100 Suppl. (1998) 209, reconhece o carácter messiânico de las funciones atribuidas a Melquisedec em 11QMelch: "Toutes ses fonctions sont typiquement messianiques, parce qu'il s'agit de fonctions liées au salut". e PUECH, al evaluar a função judicial de Melquisedec, concluye: "Par les attributions de roi et de juge eschatologique, a figure historique divinisé ou exalté de Melkisédek se rapproche le plus au plan de représentations symboliques de a notion "comme un fils d'homme" de Dn et "du Fils de l'homme" des Évangiles, em dépendance de leur source, le Ps 110", a *croyance des Esséniens*, 558.³⁴ Ver F. GARCÍA MARTÍNEZ, "Messianische Erwartungen in den Qumranschriften", *Der Messias* (JBTh 8; Neukirchen-Vluyn 1993) 171-208; J.J. COLLINS, *The Scepter and the Star*. The Messiahs of the Dead Sea Scrolls and Other Ancient Literature (ABRL; New York 1995); ZIMMERMANN, *Messianische Texte aus Qumran*.³⁵ M.A. KNIBB, *The Ethiopic Book of Enoch*. A New Edition in the Light of the Aramaic Dead Sea Fragments (Oxford 1978); S. CHIALÀ, *Libro delle parabole di Enoc* (StBi 117; Brescia 1997).³⁶ A.F. KLIJN, *Der lateinische Text der Apokalypse des Esra* (TU 131; Berlin 1983); *Die Esra-Apokalypse (IV. Esra)*. Nach dem lateinischen Text unter Benutzung der anderen Versionen übersetzt und herausgegeben von A. Frederik J. KLIJN (GCS; Berlin 1992); M.E. STONE, *Fourth Ezra*. A Commentary on the Book of Fourth Ezra (Mineapolis 1990).³⁷ 1 Hen 48,10 e 52,4, ver J.C. VANDERKAM, "Righteous One, Messiah, Chosen One, and *são of Man* in 1 Enoch 37-71", *The Messiah*. Developments in Early Judaism and Christianity. The First Princeton Symposium on Judaism and Christian Origins (ed. J.H. CHARLESWORTH) (Minneapolis 1992) 169-191; CHIALÀ, *Libro delle Parabole*, 219.³⁸ IV Esdras 7,28 e 12,32, ver "The Question of the Messiah in 4 Ezra", M.E. STONE, *Selected Studies in Pseudepigrapha and Apocrypha* (SVTP 9; Leiden 1991) 317-332; STONE, *Fourth Ezra*, 207-213.³⁹ M.A. KNIBB, "The Date of the Parables of Enoch: A Critical Review", *NTS* 25 (1979) 345-359; CHIALÀ, *Libro delle Parabole*, 77, después de discutir las distintas propuestas, se inclina por uma datação a finales del siglo I a.C. o a comienzos del siglo primero de a era cristiana.⁴⁰ STONE, *Fourth Ezra*, 10, opta por o reinado de Domiciano (81-96 d.C.), "probably in the latter part of his reign".⁴¹ Mi tradução segue o texto establecido em DJD 23, 225, con las reconstrucciones entre corchetes.⁴² Ver las sugerencias de reconstrução de las líneas 23-25 em DJD 23: "'Sión' é a congregação de todos los filhos de justicia, los que establecen su alianza, (los que) evitan o marchar por o camino del pueblo. e 'tu Dios' é ..."⁴³ o término técnico *r#p* se ha conservado em a línea 17 e é reconstruído con toda probabilidad em a línea 20. ⁴⁴ Ver F. GARCÍA MARTÍNEZ, "Escatologização de los Escritos Proféticos em Qumrán", *EstBib* 44 (1986) 101-116.⁴⁵ CD vi 11, que se inspira aparentemente em Os 10,12. ⁴⁶ Sobre esta identificação, ver A.S. VAN DER WOUDE, *Die messianischen Vorstellungen der Gemeinde von Qumrán* (SSN 3; Assen 1957) 67-74, e G. JEREMIAS, *Der Lehrer der Gerechtigkeit* (SUNT 2; Göttingen 1963) 268-307.⁴⁷ 1QpHab ii 8-10. ⁴⁸ em los textos o primero de estos sentidos é designado como *hlgn* e o segundo como *rtsyn*. Sobre estos dos conceptos, ver L.H. SCHIFFMAN, *The Halakhah at Qumran* (Leiden 1975).⁴⁹ MILIK, "Milk|+s|edeq et Milk|+res'la(", 126.⁵⁰ FITZMYER, "Further Light on Melchizedek", 254 e 266.⁵¹ VAN DER WOUDE, "Melchisedek", 367; ZIMMERMANN, *Messianische Texte aus Qumran*, 410-411.⁵² Donde aparecen las tres palabras claves de nosso texto: *xwr*, *xy#\$m*, e *r#\$bl*.⁵³ Los Profetas são designados como *xwr* e *xy#\$m* em CD ii 12.⁵⁴ o pasaje é considerado generalmente como uma interpolação, insertada em o Documento A para reemplazar o midrash sobre Zac 13,7 e Ez 9,4 que aparece em o Documento B, ver J.M. O'CONNOR, "The Original Text of CD 7:9-8:2 = 19:5-14", *HTR* 64 (1971) 379-386; G.J. BROOKE, "The Amos-Numbers Midrash (CD 713b-81a) and Messianic Expectation", *ZAW* 92 (1980) 397-404; M.A. KNIBB, "The Interpretation of Damascus Document VII, 9b-VIII, 2a and XIX, 5b-14", *RevQ* 15 (1991-1992) 243-251. Algunos investigadores, como F.M. STRICKER, "Damascus Document VII,10-20 and Qumran Messianic Expectations", *RevQ* 12 (1985-1987) 327-349, consideran que o pasaje é original, e que ha sido posteriormente substituído por o midrash sobre Zac-Ez, mientras que otros, como S.A. WHITE, "A Comparison of the 'A' and 'B' Manuscripts of the Damascus Document", *RevQ* 12 (1985-1987) 537-553 explican las diferencias entre ambos manuscritos como errores mecánicos de transmisión más que como indícios de actividad recensional. ⁵⁵ uma questão ásperamente discutida desde a publicação preliminar del manuscrito por É. PUECH, "Une apocalypse messianique (4Q521)", *RevQ* 15 (1991-1992) 475-522. o personagem ha sido identificado con o *mesias-rey* (PUECH, *ibid.*, 487), con Elias (J.J. COLLINS, "The Works of the Messiah", *DSD* 1 [1994] 98-112), con un "Elijah-like eschatological prophet" (COLLINS, *The Scepter and the Star*, 117), o con o profeta escatológico (R. BERGMEIER, "Beobachtungen zu 4Q 521 f 2, II, 1-13", *ZDMG* 145 [1995] 44 e ZIMMERMANN, *Messianische Texte*, 382). em a edição de DJD, Puech mantiene abierta a possibilidade de compreender *wxy#\$m* como singular o como plural ["Son(Ses) (?) messie(s)"]; leído como plural se aplicaria al *mesias-rey* e al *mesias-sacerdote*, leído como singular, debería aplicarse al *mesias sacerdotal*: É. PUECH, *Qumrán Grotte 4*. XVIII. Textes Hébreux (4Q521-4Q528, 4Q576-4Q579) (DJD 25; Oxford 1998) 12, n. 16; e según K.-W. NIEBUHR, "3Q 521 2 II – Ein eschatologischer Psalm", *Mogilany 1985*. Papers on the Dead Sea Scrolls offered in memory of Aleksy Klawek (ed. Z.J. KAPERNA) (Kraków 1998) 160, "[4Q521] verweist weder auf den davidischen noch auf den prophetischen oder priesterlichen Messias, sondern vielmehr auf die endzeitliche Autorität des Priestertums"



Numa

Pompílio

Nos primeiros tempos, Roma foi governada por reis. Segundo a tradição o primeiro rei foi Rômulo, que teria depois desaparecido misteriosamente durante uma tempestade e, mais tarde, seria adorado como o nome de Quirino. Os outros foram: Numa Pompílio, Tulio Hostílio, Anco Márcio, Tarquínio o Antigo, Sêrvio Túlio e Tarquínio o Soberbo.

Numa Pompílio – (717 aC – 673 aC), segundo rei de Roma, foi um Sabino escolhido pelo senado como rei. Segundo Tito Lívio, (I, XIX) “à cidade fundada pela força e pelas armas, ele se apressa a dar o direito, as leis e os bons costumes”.

Quando Rômulo morreu, presumivelmente assassinado pelos senadores, foram os próprios membros do Senado que elegeram Numa Pompílio como rei devido a seu sentido de justiça e sua alta competência religiosa. Depois da morte de Rômulo veio um interregno (um ano sem rei, enquanto sabinos e romanos lutavam pela supremacia). Supõe-se que Numa seja originário da cidade sabina de Cures e é considerado o promotor da organização religiosa que introduziu o calendário de doze meses. Também unificou as comunidades do Palatino e de Quirinal.

Casou-se com Tacia, filha de Tito Tacio. Sabe-se muito pouco deste rei e todas as notícias vêm através de uma biografia escrita por Plutarco (c. 46 aC-125), escritor grego.

No começo, ele não queria aceitar o cargo, mas foi convencido quando lhe asseguraram de que, tornando-se rei, prestaria um serviço aos deuses. De fato, seu reinado sempre será lembrado pelo que fez em termos da religião; mais que rei, ele foi um Pontífice.

Fez leis e aumentou os direitos e acordos de paz entre Roma e o resto das cidades. Seu trabalho contribuiu para ordenar a religião, naquele tempo particularmente confusa por causa da origem de várias etnias da cidade, cada uma trazendo para Roma a sua própria religião e seus cultos, e o único culto que ficou reconhecido sobre todos foi o culto à deusa Vesta, que guardava o fogo sagrado através de suas sacerdotisas, as vestais.

As tribos foram formadas pelas “gentes” (que representavam grupos de “famílias”) que, vindas de um mesmo ancestral, identificavam-se pelo culto religioso particular.

Nesta situação, Numa Pompílio fundou uma série de instituições religiosas e, desta forma, criou uma série de hierarquias entre os deuses. Criou pontos de referência que provavelmente foram decisivos para a evolução de Roma. Deve-se a ele a fundação do colégio de Pontífices, posição máxima religiosa, e a divisão da população segundo a profissão:

Se a organização corporativa por classes de trabalhadores teve origem espontânea, o mesmo não se pode dizer do uso político desse artifício de mistura e segregação social, tão habilmente executado por Numa Pompílio na Roma antiga, conforme relata Plutarco:

"Para fazer desaparecer a grande divisão entre dois povos e fragmentá-la em partículas, Numa Pompílio distribuiu todo o povo em diversos corpos, separados cada um por interesses particulares. Ele os repartiu pelos diversos ofícios de músicos, ourives, carpinteiros, tintureiros, cardoeiros, curtidores, ferreiros e ceramistas. Reuniu, assim, em um só corpo todos os artífices de um mesmo ofício e instituiu festas e cerimônias religiosas convenientes a cada um dos corpos. Por isso, Numa foi o primeiro que baniu de Roma o espírito de partido, que fazia pensar e dizer a uns e a outros que eram Sabinos, Romanos, sujeitos de Tátius e súditos do rei Rômulo. Assim, esta nova divisão operou realmente a mistura e, por assim dizer, o amálgama de todos os cidadãos juntos" (in Vieira 1933:28-29).

Ocupou-se em organizar a religião romana, tanto no terreno público quanto no oficial. Cada família tinha seu culto chamado *sacra*, e o sacerdote e dirigente deste culto era o *pater familia*.

Do mesmo modo, cada *Cúria* (os romanos estavam divididos em 3 *tribus* e 30 *curias*) teve seu culto dirigido em cada caso por um *curião*. As famílias romanas (a *gens*, no plural: *gentes*) tinham entre elas um vínculo de união que era o *sacra gentilitia*, que era administrado por um sacerdote chamado *flamen*. A *sacra gentilitia* se sustentava pelas *stips*, que era uma contribuição oferecida pelo conjunto das famílias.

Entre as mais importantes instituições criadas pelo rei sabino, certamente está a ordem dos *Salii*, sacerdotes guardiões do escudo de bronze do deus Marte, considerado Pai de Rômulo, que o recebeu diretamente de Júpiter. O mesmo Júpiter, lançando dos céus o pesado escudo que os romanos chamavam de "ancile", fez saber que, enquanto o guardassem bem, Roma não teria nada a temer. Então, Numa, para evitar que se roubasse o escudo, mandou Mamurio Venturio fazer 11 cópias. Os doze escudos foram dados em custódia aos *Salii* que, no mês de Março, devotado a Marte, promoviam longas procissões mostrando os "ancilia" (*plural de ancile*) aos romanos.

Supõe-se que Numa Pompílio tenha sido o fundador da religião romana, embora boa parte dela deva ter vindo dos etruscos e dos sabinos. Quirino, por exemplo, (que logo foi convertido em Rômulo deificado) foi originalmente um deus da guerra sabino, que era o equivalente ao deus latino Marte.

Nos anos posteriores, os romanos, por sua admiração pelos sofisticados gregos, identificaram seus deuses com os deuses dos mitos gregos. Assim, Júpiter romano foi considerado o equivalente ao Zeus grego; Juno, a Hera; Marte, a Ares; Minerva, a Atenéia; Vênus, a Afrodite; Vulcano, a Hefestos, etc

Essa identificação chegou a ser tão firme que, hoje em dia, freqüentemente usamos os nomes romanos (mais familiares) ao nos referirmos aos mitos gregos, e quase nos esquecemos de que os romanos tinham seus próprios mitos sobre seus deuses.

Estes mitos eram crenças religiosas que continuaram sendo estritamente romanas, pois não tinham equivalentes gregos. Um deles se refere ao deus Jano, cujo culto se supõe foi estabelecido por Numa.

Ao analisar o calendário, Numa apercebe-se que aquele estava atrasado relativamente ao ano trópico. Novos cálculos demonstraram, então, que o ano conteria realmente cerca de 12 lunações – mais duas do que anteriormente admitido – correspondente a 354 dias. Mantendo a nomenclatura dos meses, por esta apresentar um aspecto muito prático, Numa Pompílio defendeu o acréscimo de mais dois meses ao calendário em vigor.

Como era extremamente religioso, todas as regras decretadas por Numa Pompílio tinham uma forte subjetividade de índole religiosa, com relevância especial ao deus Jano (este étimo deriva de *janua* que significa porta, entrada ou passagem). O deus Jano era considerado o protetor de qualquer "abertura", fosse ela concreta ou abstrata. Ele é representado com duas caras opostas, uma à frente e outra atrás.

Assim, decretou que o ano se iniciaria com o mês Januarius (Janeiro; colocado antes de Março), e finalizaria com Februarius (Fevereiro; colocado após Dezembro)! Januarius, como já devem ter percebido, deriva do deus Jano. Februarius deriva de Februus, deus dos mortos. Outros historiadores indicam, porém, a derivação de februaire, purificar.

Facilmente se entende a idéia que ambos os meses indiciam: o ano velho morre no último mês, tempo em que cada um terá de se purificar (Fevereiro), a fim de poder entrar pela passagem (Janeiro) do novo ano.

Numa Pompílio alterou também a duração de cada mês. Aparentemente, os números pares eram fatídicos e apresentavam uma simbologia mortal. Em oposição, os números ímpares agradavam consideravelmente aos deuses. Assim, Janeiro passou a ter 29 dias, e os restantes passariam a ter 29 ou 31 dias - os de 30 dias passavam a ter menos um!

Curiosamente, a Fevereiro foram atribuídos apenas 23 dias. Esta decisão toma sentido, ao analisarmos um pouco os valores em questão. Os cálculos poderão ter mesmo sido os seguintes: 354 dias em 12 meses = "6 meses" x "31 dias/mês" + "5 meses" x "29 dias/mês" + "1 mês com os restantes dias", o que dá 23 dias! Com esta mudança, o ano passou a ter 355 dias, em vez do ano de Rômulo, com 304.

Em sucessivos anos, a extensão deste ano civil foi sendo alterada, conforme os caprichos da população, por esta se aperceber de algum assincronismo com o ano trópico. Também se relatam "interesses obscuros" em prolongar o ano civil. Sempre que havia necessidade de alterá-lo, faziam-no, tradicionalmente, após o 23 de Fevereiro (ou seja, no fim do ano). Tanto eram introduzidos apenas alguns dias, como meses inteiros, os denominados meses intercalares. Esse dia, 23 de Fevereiro, adquiriu tal importância que se manteve até aos dias atuais — repare-se no caso do ano bissexto.

Embora seja comprovada a participação médica em processos judiciais, os antigos não conheciam a Medicina Legal como ciência. Numa Pompílio, em Roma, ordenou o exame médico na morte das grávidas. Adriano e Justiniano utilizaram-se dos conhecimentos médicos para esclarecer fatos de interesse da Justiça. Somente com a legislação de 1209, por um decreto de Inocêncio III iniciou-se a perícia médica.

Mas talvez a coisa mais importante que o segundo rei de Roma fez, sob o ponto de vista religioso, foi erigir o templo ao deus Juno que, representado como um deus bifronte - um rosto olhando para o fim das coisas e outro para o começo - era o protetor de tudo que era associado a uma passagem, tanto temporal quanto espacial; era, por exemplo, o guardião do portal da cidade. O templo retangular foi erigido por Esquilino. O santuário consistia de arcos pelos quais se podia entrar ou sair. Um deles, particularmente importante, foi construído por dois arcos paralelos unidos por muros e portas. Suas portas ficavam abertas em tempo de guerra. No tempo de Numa, as portas permaneceram rigidamente fechadas. Nos sete séculos seguintes de existência da cidade, as portas de Jano somente estiveram fechadas 4 vezes, e por breves períodos, demonstrando a tendência bélica da cidade.

Na última fase de seu reinado, Numa Pompílio afirmou ter uma conselheira particular: a Ninfa Egéria, - para os romanos era mais fácil aceitarem decisões que tivessem uma inspiração divina.

Egéria morava na Gruta das Camenas, porte da Porta Capena. Amiga muito querida de Numa, depois de sua morte dedicou-se em espírito a ajudar Numa a governar com sabedoria e prudência.

Outra versão do mesmo mito indica que o domínio de Egéria era o bosque de Aricia, no Lácio. Pelo conselho de Egéria, Numa elevou Rômulo à condição de deus como o nome de Quirino, e fez construir um templo para seu culto (por isso que o nome do Palácio Presidencial de Roma é Palácio Quirinal). Quando Numa morreu, foi tão forte a dor de Egéria que não cessava seu pranto. De tal maneira foi que Diana, a deusa caçadora dos bosques, comovida por tanto amor, converteu-a em uma fonte, a Fonte Egéria, cujas águas vertem até hoje com um murmúrio que parece um gemido. O nome de Egéria passou à posteridade com o significado de conselheira secreta e sábia de alguém.

O segundo rei de Roma morreu aos 80 anos, depois de 43 anos de reinado e foi enterrado no mausoléu de Gianicolo, um monte na margem direita do rio Tevere, construído pelas duas estirpes reconciliadas. Foi um rei amado e muito popular.

Com este rei termina o período chamado juvenalista, próprio da confraria dos lupercos, aquela cuja iniciação de seus jovens foi interrompida pelo seqüestro de Remo. Aqueles jovens foram adolescentes eternos e sempre fiéis que rodearam Rômulo até sua morte, e eram os que compunham sua guarda pessoal. Eram os 300 céleres ou velozes.

Sucedeu-o Túlio Hostílio.



Jesus Modelo de Conduta

Mestre Osvaldo Polidoro (trechos de preleção)

12-08-95 Itápolis

Histórico de Jesus

Eis aí, gente, porque há necessidade do Dilúvio de Fogo e da Expulsão de Cabritos!

Lá atrás, quando fui o fundador da Ordem dos Upanichades, -a primeira instituição sacra por Deus-, entreguei 8 Mandamentos, (onde estavam inclusos os 10, porque nos Dez houve o desdobramento de dois Mandamentos para tornar mais explícito, mais fácil).

Lá, Ele disse: - “Três verdadezinhas só Eu quero de vocês, filhos Meus, como religião: vivam Meus Mandamentos, pratiquem o Bem e o Bom entre irmãos e para Comigo, e cultivem o Santo Mediunismo, instrutor e consolador, os Dons do Espírito Santo, Carismas, Mediunidades, Luz do Mundo, porque ela é Graça perene, o Pentecostes Eterno”.

1. Viver os Mandamentos chama-se **viver Deus**.
2. Praticar o Bem e o Bom para com o próximo chama-se **viver Deus**, que é o Distribuidor de tudo.
3. Cultivar o Santo Mediunismo, instrutor e consolador, -porque mais Dádiva do que o divino Mediunismo que facilita o intercâmbio entre todos os planos da vida, não há.

Tudo isto foi conspurcado, traído, é por isso que Jesus disse dos padres: “Malditos!!” Não lê quem não quer, no Novo Testamento, de ele dizer para o clero judeu, o grande traidor: - “*Malditos do meu Pai, judeus porcos! Tendes matado os profetas, os verdadeiros Ministros de Deus, os Intermediários de Deus, e mais um matareis, e por todos estes crimes respondereis.*”

Eu represento a Lei, ele (Jesus) que acabou de falar, representa a Divina Modelagem de Comportamento. Como custou caro! Como custou caro!

Eu volto a historiar de novo:

O Judas nunca quis ser traidor de Jesus, nunca!

Caifás falou no Sinédrio, na camorra rabínica: - “Ele (Jesus) tem que morrer porque está nos afastando do povo (porque ele era Profetismo puro). Então vamos fazer uma coisa: Vamos chamar o tesoureiro deles (aquele que guardava os dinheirinhos para nas andanças comprar alguma coisa para comer) e vamos oferecer um dinheiro para ajudar na campanha dele. Chamem Judas (que era da região de Quiriot, disseram Iscariotes, sei lá por quê) e vamos dizer que queremos ajudar”.

Chamaram-no e disseram. De fato, estavam programando uma revolta contra o Império Romano para libertarem-se do tácio romano, começando a revolta por Israel, (aquele Mar chamava-se Mediterrâneo por que media as terras do Império Romano. Em toda a volta era Roma que mandava). E o Judas, coitado, acreditou, mas disse bem: - “Se é para ajudar contra o Império Romano, seja como for, mas após isto façam de Jesus Nazareno o Rei dos Judeus”.

E Caifás disse: - “Pois não, claro!”, -porque o negócio era enredar, e o coitado do Judas pegou 30 denários, 30 dracmas.

À noite, Jesus e os discípulos foram ao Monte das Oliveiras, orar lá como nós estamos aqui. Os homens já foram, como está escrito, com lanças e varapaus, manietaram Jesus contrariando tudo o que

tinham dito e que tinham prometido (não tocar um dedo em Jesus e depois da vitória fazer dele, Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus). Aquela sigla (INRI) que está no alto das cruzes por aí devem a ele, o Judas.

Bem, antes que acontecesse tudo o que aconteceu como eu vou contar, sucedeu isto:

Judas pegou as 30 moedas de prata e foi até o Sumo Sacerdote dizendo: - “Mas não foi isso o que foi combinado!” Está escrito que ele respondeu: - “Viras lá tu o que fazias, ele agora está em nossas mãos!”

Face a tudo isso, Judas jogou o dinheiro nas escadarias do templo de Salomão, dinheiro que mais tarde compraria um cemitério. E dali ele foi se enforcar...Quem quer trair não vai se enforcar!!

Quanto a Jesus, ficou até as 5 e meia da manhã na Pretoria do espanhol Pôncio Pilatos, porque havia muitas questões a tratar; e ele só às 5 e meia da manhã mandou Jesus entrar.

Entrando, ficaram sozinhos os dois. Pilatos quis falar sozinho com Jesus, sem interferência de ninguém, porque ele tinha uma coisa em mente, pois Cláudia, sua esposa, dissera a ele pela manhã: - “Cuidado com o profeta de Nazaré porque esta noite eu tive um sonho muito forte, muito triste, sofri muito por causa dele”. Então Pilatos levou Jesus a um canto e disse-lhe: - “Olhe, eu sei quem são esses sacanas, canalhas e patifes dos seus patrícios. Eu lhe dou uma saída aqui pelos fundos, cavalo, proteção, tudo que quiser, e você vai.”

Jesus respondeu: - “Eu vim para dar Testemunho da Verdade, e não para correr.”

Pilatos olhou para ele e disse:- “Escuta, Nazareno. Eu lhe ofereço a vida e você apela para a morte? Eles dizem que você é louco. Até sua mãe passou por aqui estes dias e pediu que não ligássemos para você, porque estava maluco, -e também acho que está, porque eu lhe ofereço a vida e você apela para a morte?”

Jesus só repetiu: “Eu vim para dar testemunho da Verdade e não para correr”.

Aí a célebre frase que está por aí, o espanholão pagão Pôncio Pilatos dizendo: - “Mas o que é a Verdade?”

A Verdade é Deus! A Verdade é Doutrina Pura! É aquilo que Deus mandou eu entregar a vocês: os 10 Mandamentos, praticar o Bem e o Bom entre irmãos e cultivar o Santo Mediunismo, instrutor e consolador.

A Verdade é isto só. Três pontos só: Deus, Seus Mandamentos e a prática do Bem, do Bom e do Santo Mediunismo... Adiantaria Jesus falar isso a Pôncio Pilatos? O povo judeu, criado à base do Mediunismo, do Profetismo, fez isto comigo cortando o meu pescoço e fez aquilo com Jesus também depois...

Sabendo ele que éramos galileus, da Pretoria da Galiléia (e lá quem era tetrarca era o Herodes, aquele que mandou cortar o meu pescoço, estrangeiro também, da Iduméia), Jesus foi levado a ele. - (Quando Jesus soube que tinham mandado me matar disse: - “Aquele porco!” e uma porção de outras palavras, mas nenhuma representou bem Herodes, como nenhuma palavra poderia representar bem o Caifás, porque até o Pilatos acabou sendo vítima da falsidade do Caifás).

Jesus não respondeu uma palavra, Herodes devolveu-o. Aí entra o Pôncio que conversou de novo com Jesus, e Jesus repetiu o que tinha que repetir. Dado isso, aquele povaréu todo lá na rua gritava: - “Crucifiquem Jesus, soltem Barrabás! Crucifiquem Jesus, soltem Barrabás! Crucifiquem Jesus, soltem Barrabás!” E, num dado momento, gritavam os padres a mando de Caifás: - “Ele diz que é Rei dos Judeus, Pilatos. Se você o proteger, estará contra o Imperador, e o Imperador vai pô-lo no olho da rua!”.

Pilatos então foi buscar a célebre baciazinha e a toalha. Vocês pensam que a toalha foi inventada lá? Roma não intervinha em questão religiosa dos povos dominados. Pegar uma baciazinha, lavar as mãos e enxugar quer dizer que *Roma não tem nada a ver com a questão religiosa*. Mas precisava ele mandar chicotear Jesus? Precisava entregar aos seus algozes?

Começaram as cuspidas, bofetadas, coroa de espinhos, fome, chicotadas e lamentos, gritos a noite inteira. No dia seguinte saíram três da Pretoria, os dois ladrões e Jesus, lá pelas nove horas, com pancadas, quedas, xingamentos, tudo! Chegaram ao meio dia. Levantaram os dois primeiros, Jesus foi levantado às três da tarde.

No dia seguinte era a Páscoa dos judeus, (de Deus e minha. -Deus tirando o Povo Hebreu da escravidão do Egito, porque a Páscoa quer dizer *passagem*, passando para a liberdade -e para os judeus festejarem, a maior data é a Páscoa, a liberdade). Nesta data não ficava ninguém no madeiro, por isso eles quebravam as pernas com pancadas, havia hemorragia e morriam de colapso - sem sangue o coração não funciona.

Jesus, não. O soldado (que hoje mora em Curitiba, o Vicente Anconi) deu aquela lançada no baço, assim começou a correr sangue e Jesus desencarnou de colapso cardíaco. Mas foi tudo aquilo de martírio, sem comer na véspera, manietado, pancadas, tudo aquilo... sentiu-se abandonado.

Ele sabia que Deus não sai do íntimo de ninguém, ele não disse: - “Deus, Deus, Pai por que me abandonaste?”, disse “Elias, Elias...” porque ele sabia que eu era o Comandante das Legiões.

Quando ele disse aquilo, moveu tudo: tremeu a terra, ficou escuro, houve ventos e poeiras, mas Deus disse:- “Filho, acode Jesus!”, e eu fui tirar Jesus do corpo, quando ele disse:- “Pai, em Tuas mãos entrego o meu espírito!”

Saí do corpo, foi levado a visitar os infernos, os baixios, tudo o que havia para baixo, e foi trazido de volta. No terceiro dia deu-se aquilo que ninguém devia deixar de ler e respeitar:

Depois de eu ter posto a mão na cabeça dele, puxando o espírito para fora, ele disse para a mãe: - “Fica com o João Evangelista como filho”, (ele era primo nosso), e disse para ele:- “Fica com ela como mãe!” Ela foi a 74 anos de idade, e ele sabe-se que bateu em mais ou menos 94.

A Maria Madalena no terceiro dia foi visitar o túmulo, lá na rocha que o José de Arimatéia tinha cavado como túmulo para ele. Ela viu aqueles lençóis ensangüentados, cheios de suor e pensou: “Aonde é que levaram o senhor?” Mas ela ouviu uma voz que disse: - “Maria ...”

Ela olhou e era ele! Ela correu em sua direção, mas ele advertiu: - “Vede bem, não me toque! Ainda não fui a meu Deus e vosso Deus, a meu Pai e vosso Pai. ” Ele estava lá materializado o suficiente, e ela, com aquela dor, aquilo tudo, meu Deus, seria uma tortura! Se se jogasse nos braços dele seria ruim, muito ruim.

Ele disse, então: - “Vá e avise que eu ressurgi”. E ela foi e avisou.

Neste maldito livro chamado ‘*A vida de Jesus ditada por ele mesmo*’ (como ele disse outro dia lá em casa, comunicando-se: “Calcule, dizer que eu é que fiz isto, onde desfigura tudo, fui posto mais um revolucionário inspirado que outra coisa!”) teve um pândego (foi um frade) que disse que as mulheres falam, falam, falam e falam, e que Jesus apareceu primeiro para uma mulher porque sabia que esparramaria a notícia.

Jesus se comunicou por onze anos após a saída da carne, patrocinando uma coisa e outra até... Duzentas e cinquenta e três pessoas escreveram sobre nós. E nesse tempo e mais, eu, por Determinação Divina, fui atuar sobre João Evangelista para ele escrever o que tinha de escrever.

O que vocês lêem aí no Evangelho de Jesus segundo João Evangelista tem mil e uma alterações e falsidades! Tem na biblioteca do Vaticano uma carta de um bispo do Oriente Médio pedindo: - “Parem de adulterar tanto os textos bíblicos! Nós já não sabemos mais o que Jesus falou, o que João Batista falou, o que os apóstolos escreveram!”

Nunca tinha existido a palavra Papa até 607. Era o bispo romano o Chefe dos Bispados. Era o bispo romano (mas não do Cristianismo de Isaías cap. 11), o da Besta Romana que foi fundada em 313 por Constantino Cloro, o pai. Eram bispados, mas do bestialismo romano. Ninguém sonhava ainda com o protestantismo de 1500. Roma queria sempre ser senhora de tudo, o bispo romano chamava-se *o pai dos bispas*, por isso a palavra romana *papá* - pai em italiano. Em 607 fizeram a palavra *papá* igual a Papa.

Aí foram procurar alguém para dizer que foi o primeiro Papa. Foram procurar o Pedro (mas isto em 607). O Pedro, o Paulo e outros estavam em Roma um pouquinho depois da minha saída e de Jesus da carne. Por conta do Nero, Pedro foi crucificado de cabeça para baixo porque negou Jesus na Pretoria. O Paulo foi degolado. A Besta Romana pegou o Pedro, o primeiro discípulo meu que eu chamei, o dono das barcas de pesca. João Evangelista, o Tiago Menor (irmão de Jesus) e outros, eram empregados, todos. Por isso vem de lá aquela festa das pescarias e tudo aquilo. Pedro era analfabeto, grandão, ruivo, um colosso de vidente - Eu não fui procurar padre nenhum!!

Quando Nabucodonosor invadiu a Palestina, 400 anos antes de eu e Jesus virmos, Deus me chamou e disse: - “Moisés, vá ao Profetismo ou Mediunismo que você deixou, comunique-se e encontrará, no meio de nossa gente, os padrequismos. Os padrequismos estão matando os profetas, matando nossa gente. Vá e preste este serviço: Em primeiro lugar, organize uma comunidade de políticos (a que dei o nome de *fariseus*). Dê um nome ao Profetismo Hebreu (dei Ordem dos Essênios), funde uma associação, uma comunidade secreta, ultra-secreta, que funcione à sombra de tudo e faça de tudo para solapar os dominadores”.

Eu fundei a maçonaria ultra-secreta, por isso há um livro “Antiga Maçonaria Mística Oriental”, que deviam mandar todo iniciante da maçonaria ler esse livro primeiro.

Bem, de 607 para cá, surgiu a palavra papá, nome do título do Bispo de Roma, pai dos bispos, (porque os outros tinham de obedecer) dos 7 bispados principais. Naquele século é que adulteraram tanto os documentos, a Bíblia. De lá para cá veio tudo isto.

Agora eu tenho 3 advogados:

O primeiro é o Princípio, Deus ou Pai Divino.

O segundo é o Dilúvio que reduzirá a um terço os viventes.

O terceiro é a Expulsão dos Cabritos.

O terço que vai sobrar vai se divinista - **de Deus!** - não deste ou daquele Enviado de Deus, vai ser divinista de Deus. Isto é quanto chega.

Por isso esta ordem de recolher espíritos endividados até certo ponto, aqueles que quiserem se arrepender dos erros e voltar ao caminho de Deus: que é ser de Deus, Sua Justiça, Dons, Mandamentos e Santos Espíritos Mensageiros - estes serão recolhidos.

Os renitentes, os malditos padrequistas, padrequistas, padrequistas, homens e mulheres padrequistas, estes sim - deles que eu disse para o Nero, João, Mãe Maria: 'Nada de conversa com eles, - o inferno!; abram o poço do abismo, joguem para baixo! Quem semeia tem que colher.'

O terço que vai sobrar vai ser divinista. Ninguém vai funcionar em nome de homem nenhum, Enviado qualquer. **Todos saberão que terão que funcionar em nome de Deus:**

Porque é Ele, o Senhor da Justiça

É Senhor dos Dons

É Senhor dos Mandamentos

É o Pai e Senhor dos Santos Anjos e Espíritos Mensageiros de Deus.

É o Pentagrama Divino!

29/11/95

Está escrito no cap. 3 de João que eu e Jesus viemos com os Dons do Espírito Santo sem medida. Fomos humanos, fomos limitados, fomos relativos... Então, de Jesus disseram que ele falou: "Quem vê a mim vê ao Pai", "Ninguém vai ao Pai sem ser por mim". Os protestantes estão adulterando, escrevendo assim: "Ninguém **vem** ao Pai sem ser por mim"

Então, "Quem vê a mim vê ao Pai" é muito, é bastante, é tudo!

Protestantes traduzindo como "Ninguém vai ao Pai..." estão dizendo que Jesus é Deus! Ele, Jesus, encravado naquele lenho maldito, preso desde as 8,30 h da noite, judiado daquele jeito, ensangüentado e ensangüentando o chão, chegou na hora em que disse (e está bem escrito): - "Deus, Deus, porque me desamparaste?", em outras traduções está "Pai, Pai, porque me abandonaste?"

Para quem disse "Quem vê a mim vê ao Pai" e "Ninguém vai ao Pai sem ser por mim" numa hora desta o humano sobrepujou o Médium Total, a limitação humana apareceu, o martírio apareceu...

Quando ele disse aquilo, o céu escureceu, a terra tremeu e espavoriu gentes (todos deviam ler). Deus deu ordem para que fosse ajudá-lo. Eu fui e convidei toda aquela gente a desejar aquilo que era para desejar. Tirei Jesus do corpo e então ele viu tudo aquilo.

Viu mamãe e disse a ela: - "Mãe, fique com João Evangelista como filho! ". Olhou para ele e falou: - "Primo, fique com ela como sua mãe" e acabou dizendo: - "Pai, em Tuas mãos entrego o meu espírito"... Ele conversou **com** Deus, não disse que **era** Deus.

Onde está "Quem vê a mim vê ao Pai? " Eu sou Delegado de Deus agora **mais do que ninguém foi**, mas **nunca** disse a nenhum de vocês "Quem me vê, vê Deus! " Como Delegado de Deus eu **represento** Deus para vocês, mas como **Delegado!**

Eu vim ao mundo com uma ordem de Deus: - "Filho, pelo seu grau de Infusão Comigo e sendo Delegado Meu, Eu quero que você seja no mundo o Pedido, a Oferta e o Agradecimento! ". Eu nunca me vali desta Outorga Divina. Peço por quem pede, peço por nós e agradeço por tudo. Quando alguém diz "Bênção, Mestre! ", eu digo: **Deus te abençoe**. Não vou dizer **eu te abençoô** a ninguém! Quando eu sair da carne verei o que faço, mas enquanto eu estiver na carne reverencio Meu Pai, o Princípio.

Quanto a Jesus, o fato de ter dito aquilo na cruz, minha gente, é uma lição a todo pernóstico sem vergonha, orgulhoso, pensando que é. Se ele precisou de um Anjo Guardião que o socorresse, vocês precisam do quê? No mínimo de dois...

Eu lhes peço isto, está no penúltimo boletim que escrevi: Não confundam Deus com Seus Enviados relativos, porque os imundos clericalismos usaram dos relativos Enviados de Deus para fazerem clerezias e praticarem todas as desgraças e todas as Bestas clericais que estão aí.

É por isso que eu digo sempre que neste planeta, nesta humanidade, três coisas não faltam: A ignorância em primeiro lugar, a hipocrisia (e muita!) em segundo e, em terceiro, muita bosta porque todo mundo caga. Pensem nisto: Por que os animais cagam e não se limpam e nós precisamos nos limpar? É **lição** que nos mostra que somos relativos, dependentes, carecentes.

Eu já disse que dou graças a Deus de ser burro perante Ele!

(*Mestre Osvaldo Polidoro*) Para mim Deus é Inteligência Absoluta e Amor Absoluto, o resto é pormenor em Deus.

Fui perguntado: Por que, Deus sendo esta Inteligência Absoluta e este Amor Absoluto há tudo isto por aí com tanta tortura, tanto sofrimento, tanta coisa certa, tanta coisa errada, tanta gente passando erros, privações e desgraças? (Não é só neste planetinha em que vocês estão agora, que acontece isto. Vem da Eternidade e do Infinito) Eu só tive esta explicação: Ele, Deus, sendo Inteligência e Amor absolutos imola-Se a se mesmo e Se manifesta como Criação em Galáxias e humanidades em todas as implicações, mais felizes e menos felizes. Se Ele não Se imolar e manifestar-Se como galáxias, sofrendo e sofrendo, nada existiria no Espaço e no Tempo, seria tudo o Vazio.

Ele, Deus, Imola-Se. Ele é em nós, nós mesmos que temos que enfrentar tudo, circunstâncias as mais divinas e as mais horrorosas, tenebrosas e tristes. É Deus feito Relativo, para que o Espaço e o Tempo estejam ocupados com vida.

2/11/96

Ele me disse: “Não volte-se para ninguém simplesmente por ser Meu filho e seu irmão. Observe o Comportamento... Se estiver conosco, muito bem. Se estiverem contra nós, vão para os quintos dos infernos!

Foi dito aqui, por Ele: “Quando você Me agradece, filho, Eu choro...” Eu sei que Ele chora, nós já choramos juntos muitas vezes. Ele chora, porque **do Todo Infinito faz-Se Relativo, faz-Se nós.**

Quando eu disse aqui: Estamos agradecendo em primeiro lugar por estarmos reunidos aqui, no dia de hoje, Ele disse: “Eu também agradeço a Mim mesmo estar aqui no dia de hoje, porque faço de vocês, Eu... porque vocês são Eu feitos filhos Meus.

Eu e Ele choramos... há vezes em que Ele chora primeiro do que eu, e em outras vezes eu choro primeiro que Ele, mas é assim.

Nós somos muito mais importantes do que parecemos ser. Somos Deus manifestado, no certo e no errado.

Quero dizer aqui a vocês, já pensei muito e quantas vezes eu disse a Ele: Pai Divino, será que poderia haver um modo diferente? Nas infindas galáxias, o Cosmo e a Matéria, é aquilo... mas da Criação Espiritual, da Manifestação Espiritual, já é diferente. Eu disse para mim mesmo, e perguntei para Deus e para mim: Haveria um outro modo de Deus emanar de se Centelhas e que não tivesse que passar por isto?

Eis aqui o que se passa na Teologia dos cleros: para vocês *anjo* quer dizer espírito Mensageiro (anjo quer apenas dizer *mensageiro*, certo ou errado), nas teologias clericais, por quererem acobertar alguma coisa ou interpretar falsamente, ousam dizer que os anjos são espíritos criados por Deus já perfeitos, que não precisam transitar pelas encarnações e seus perigos.

Para eles anjos são centelhas divinas, criadas perfeitas, espíritos acima de reencarnações para não sofrerem as encarnações com suas contingências e sofrimentos, altos e baixos. Deus entraria aí fazendo uns filhos perfeitos e outros condenados aos perigos, aos fracassos, aos quintos dos infernos.

Eu já perguntei muitas vezes a Deus se algum dia seria possível não haver filhos Dele errando ... Seria possível ser diferente, não precisando que Ele Se manifestasse sofrendo, em Seus filhos?

Somos deuses imolados, sofrendo chagas, dores, lágrimas, pranto e ranger de dentes. E Ele, o próprio Deus feito nós, sujeito a tudo isto.

Eu não sei se estou errado, Pai Divino, mas que nós dois sofremos por isto, sofremos... e choramos por isso. Só que eu choro como filho privilegiado, Ele chora como Pai de tudo isto que está cheio de falhas, cheio de lágrimas, cheio de dores.

Eu, como João Huss, disse: “Jovens, não se casem! Não se reproduzam! Porque se se casarem, reproduzem a dor, o sofrimento, a treva. ”

O que é ser Cristo? É um fulano de um certo grau que dirige algumas cidades por aí num planetinha por aí. **A Sagrada Finalidade** de um espírito não é ser Cristo, não! Não, não! **É muito mais que ser cristo!**

Vejam bem que Jesus se queixou de abandono naquele sofrimento. Foi o humano que falou, sofrido, martirizado... Jesus não foi assassinado, fizeram com Jesus todos os barbarismos que puderam fazer! Ele chegou a se acreditar desamparado de Deus e proclamou... Ele não estava desamparado, tanto que Deus disse: “Vai e tira seu primo dali!” e eu fui lá para tirá-lo... é desamparo?

Pai Divino, eu vou dizer isto: O espírito quando chega num certo grau toma iniciativas de dar demonstrações de alguma coisa de Deus e de tudo que fica a cargo dele... Ele, Jesus, não aceitou a proposta de Pôncio Pilatos de sair pelos fundos e ir embora... apelou para o sacrifício máximo, e o sacrifício máximo chegou num ponto de ele se julgar desamparado de Deus... o que não era! Deus me mandou tirá-lo daquele corpo massacrado!

Se vocês tiverem, num lugar como estava Jesus, que dar uma demonstração de Filtro de Deus, filtro de Deus, Filtro de Deus, se vocês quiserem fazer como Jesus fez, apelando para o que ele apelou de martírios... eu aconselharia a não fazerem isto.

Porque olhem, fulanos, sicranos e beltranos, um espírito já do tamanho do de Jesus sofrer tanto a ponto de se sentir abandonado, desprezado por Deus, de tanto sofrimento num corpo dilacerado, massacrado... se tiverem que dar demonstração de apego a Deus vão vivendo os Dez Mandamentos, mas não apelem para aquilo que Jesus apelou. Vão vivendo a Lei de Deus, praticando o Bem e o Bom com os semelhantes, respeitem o Sagrado Mediumismo integralmente, em todos os sentidos ...mas apelar para aquilo que Jesus apelou foi muita coragem, coragem que teve hora que ele se sentiu abandonado. Não estava! Tinha que sair do corpo e Deus disse: “Ninguém encarna por ninguém, nem desencarna por ninguém... agora é hora de ele sair. Vá lá e acuda seu primo!”

O martírio pelo qual Jesus apelou, em galáxias e mais galáxias eu acho que não há outro. Não tem, não acredito! O que fizeram de Jesus não foi assassinato!

Eu investi contra Herodes, que era estrangeiro, era idumeu, fui parar na cadeia na fortaleza de Maqueronte e ele, Herodes, ia falar comigo, mandou darem-me boa comida, dormir bem. Ele não judiou de mim.

Aquela moça paralítica que esteve lá em Itaquera disse que um padre havia dito a ela que era uma santa que estava sofrendo pela glória de Deus. Ela expulsou-me da casa dela quando lá estive e disse algumas verdades sobre quem havia sido e feito. Dançou tão bem a dança dos sete véus que o rei disse: “Peça até a metade do meu reino, que darei”. Herodes poderia ter dito que a minha cabeça valia mais que a metade do reino, “João Batista vale mais e não farei isto! ”. Ele tinha uma alternativa! Ele tinha! Nesta última encarnação ele me admirava muito, chamava-se Francisco.

Com Jesus foi diferente. Como estava escrito em Isaías cap. 53 como ia ser, por profecias, o Caifás achou que estávamos desviando gentes deles, de seu poderio. Ofereceu cavalo e fuga para Jesus, para ir a outro Cenáculo. Suponhamos que Jesus tivesse aceitado esta alternativa e tivesse saído pelos fundos e seguisse a vida pregando e fazendo tudo aquilo... Iriam escrever de nós... teria sido melhor? Não resultaria naquele massacre, naquele lenho maldito.

Mas Deus derivar de se filhos Seus, Ele feito filhos Seus, relativos pecadores, fabricantes de erros, saindo dos Dez Mandamentos para serem de treva, pranto e ranger de dentes..., volto a perguntar: Pai Divino, será que a gente algum dia poderia mudar alguma coisa?

Não posso deixar de pensar nisto! Eu penso no Senhor, que chora comigo quando eu penso, será que algum dia poderia ser diferente? Não haver Ele como filhos Dele, sofredores de todas as marcas de doenças?

Pai Divino, hoje é um dia muito alegre para mim e muito triste, também. É para o Senhor também, porque o Senhor é nós, nós somos o Senhor.

*Jesus (através de Laura)
14-09-97 Itápolis*

Graças a Deus, sou Jesus, que aguardo ansiosamente para pronunciar algumas palavras a todos vós. Não haveria, é claro, necessidade de minha manifestação, a não ser que o Pai Divino assim o quisesse, porque não tenho nada a dizer a vocês a mais do que ele já disse e do que ele já deixou escrito a todos nesta humanidade.

Mas o Pai Divino quer que eu esteja aqui, para dar testemunho desta Verdade que são estas comunicações, e eu aqui estou entre vocês mais uma vez, graças a Deus.

Em termos doutrinários que mais posso acrescentar, o Pai Divino já determinou tudo. Mas posso dizer a vocês que ainda questionam a deificação deste Divino Mestre e que agora é nosso Pai. Só porque ainda está na carne ainda ficam questionando se é ou não Deus em Deus.

Tenho pedido para todos vocês usarem suas consciências! Ora, ele é mais que exemplo para vocês de que é Deus! É Deus para mim, não é para vocês? Eu o reverencio e vocês ainda ficam fazendo pouco caso! Ele está na sua frente e chora por vocês, porque vocês não usam as consciências para pensar certo, divinamente certo, para ir ao encontro Dele, pois assim Ele determina!

Será possível, será possível que não entrem em suas cabeças tamanhas Verdades? São tão medíocres assim, a ponto de não aceitarem a deificação?

(Pai Divino) Se está escrito na Bíblia que é assim, que todo filho de Deus, desabrochando o Deus Interno, volta a ser Deus em Deus, se eu deixei dito isto sempre, como Hermes Trismegistos deixei de um modo que ninguém pode duvidar, está escrito nisto que você acabou de ler “perde em Relatividade para ganhar em Divindade”... primo Jesus, você pode falar isso, todos ouvem, mas aqui e ali você vai ter que ouvir besteirinhas no Porvir... Ah! isso vai! Terrícola é terrícola!

No século XXI você terá todos os galardões espirituais para marcar na história deste planeta uma página inconfundível, será o exemplo do Evangelho Eterno vivido. Ele vai viver o Evangelho Eterno, vai viver o Divinismo. De alguns outros, não sei... a gente ouve cada coisa da boca de gente que pensa que é divinista!

Vamos em frente, primo.

(Jesus) Pai Divino, permita-me:

Não esperem de mim outras coisas além do que ouviram da boca do Pai Divino! Estarei entre alguns de vocês no século que vem, e a Verdade andaré comigo!
